

UNIVERSIDADE DE PASSO FUNDO

FACULDADE DE ARTES E COMUNICAÇÃO

CURSO DE JORNALISMO

Silvana Márcia Paludo

**ANÁLISE DAS CULTURAS DE INVERNO NO JORNAL
ZERO HORA EM 2012**

Passo Fundo

2012

Silvana Márcia Paludo

**ANÁLISE DAS CULTURAS DE INVERNO NO JORNAL
ZERO HORA EM 2012**

Monografia de conclusão do Curso de Comunicação Social: Habilitação em Jornalismo, como requisito final para obtenção do grau de Bacharel em Jornalismo, sob orientação do professor Dr. Benami Bacaltchuk.

Passo Fundo

2012

Dedico este estudo aos meus pais, Celito e Vilma, e ao meu noivo Jucimar Ziliotto, pela paciência, amor, carinho e compreensão. Vocês são a minha vida!

AGRADECIMENTOS

Agradeço primeiramente a DEUS.

Aos meus pais Celito e Vilma que não mediram esforços para pagar meus estudos.

Ao meu noivo Jucimar que sempre esteve do meu lado me apoiando e incentivando a seguir em frente.

Ao Doutor, professor e companheiro Benami Bacaltchuk, por ter acreditado em mim e me orientado com muita paciência e atenção, sem perder o bom humor.

As minhas amigas e amigos, que de certa forma me motivaram pedindo sempre a festa de formatura.

E por fim, a todos que direta ou indiretamente colaboraram para que este trabalho se concretizasse.

Muito obrigada!

"A liberdade sem estudo está sempre em perigo, e o estudo sem liberdade é sempre em vão." (John Kennedy).

RESUMO

Este trabalho traz a análise de onze edições publicadas durante a produção das culturas de inverno, veiculadas no jornal Zero Hora, no período de maio até novembro de 2012. Para tanto, enfatiza a comunicação como foco no desenvolvimento da agricultura, fala sobre a comunicação rural, jornalismo em agronegócio e as novas tecnologias de informação no meio agrícola. Faz a análise da transmissão de informações por meio dos métodos jornalísticos e as características da comunicação rural, a partir da linguagem empregada no dia-a-dia para o homem do campo e o leitor urbano, utilizando-se das ferramentas da análise de conteúdo e do diagnóstico das rotinas produtivas do Caderno. O resultado dessa apreciação mostra características da comunicação rural, a difusão da tecnologia para a instrução agrícola e informações transmitidas no jornalismo em agronegócio.

Palavras-Chave: Caderno Campo & Lavoura. Culturas de Inverno. Comunicação Rural
Análise de Conteúdo. Jornalismo e Agronegócio.

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	7
1 A COMUNICAÇÃO	9
1.1 A Comunicação Rural.....	9
1.2 Jornalismo e o Agronegócio	15
1.3 Novas Tecnologias de Informação e Comunicação (TIC) no Meio Rural.....	18
2 LINGUAGEM JORNALÍSTICA E LINGUAGEM PARA O PRODUTOR.....	22
3 ZERO HORA E O CADERNO CAMPO & LAVOURA	26
3.1 Zero Hora	26
3.2 Campo & Lavoura.....	28
4 METODOLOGIA.....	32
4.1 Análise de Conteúdo e Discussão do Encarte Campo & Lavoura, Inserções Diárias do Zero Hora e Suplemento Mais Campo.....	33
4.2 As Reportagens	35
4.2.1 Caderno Campo & Lavoura.....	36
4.2.2 Suplemento Mais Campo	39
4.2.3 Inserções diárias do Campo & Lavoura no jornal Zero Hora.....	42
5 CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	45
REFERENCIAS BIBLIOGRÁFICAS	48
ANEXO 1 CEVADA E CANOLA PARA AQUECER O FRIO.	52
ANEXO 2 PREÇO EM ALTA MOTIVA EXPANSÃO DA CANOLA	53
ANEXO 3 LAVOURAS ABAIXO DO MAU TEMPO. 02/11/2012.....	54
ANEXO 4 CUIDAR DO SOLO É A SALVAÇÃO DA LAVOURA.....	55
ANEXO 5 EFEITO DOMINÓ	58
ANEXO 6 TRIGO TERÁ MAIS CRÉDITO E PREÇO MÍNIMO REAJUSTADO.....	59
ANEXO 7 PLANO SAFRA TRAZ POUCOS BENEFÍCIOS AO ESTADO	60
ANEXO 8 TRIGO ACUMULA AUMENTO DE 7,8%.	61
ANEXO 9 DADOS MOSTRAM GAÚCHOS EM VANTAGEM COM O TRIGO.....	62
ANEXO 10 TRIGO TEM QUEDA DE 10% NA PRODUTIVIDADE	63
ANEXO 11 SAFRA DE TRIGO RUIM PRESSIONA O PREÇO DO PÃO.....	64

INTRODUÇÃO

O processo de comunicação humana é universal, mas a comunicação urbana e rural tem diferenças. Aos estudantes de comunicação é fundamental que compreendam que a comunicação rural, além de manter relações sociais, tem um elemento específico, transformador da linguagem, estipulador dos assuntos que tratam da agricultura. Tendo em vista ser esta uma das áreas em que o futuro profissional poderá estar inserido no mercado de trabalho, enquanto formado em comunicação.

Deste mesmo modo, por se tratar de uma ciência social, a comunicação rural é algo eminente. Os veículos de comunicação criam produtos específicos para informar e noticiar fatos ligados à agricultura, criando um novo elemento dentro da comunicação rural: o jornalismo rural. A comunicação rural foi destaque no XI Congresso Brasileiro de Estudos Interdisciplinares da Comunicação – INTERCOM, em setembro de 1988.

Observando alguns veículos de comunicação que reportam à agricultura de maneira artificial, esta monografia concentra-se em uma análise das culturas de inverno veiculadas no Jornal Zero. O conteúdo está distribuído em três reportagens no Caderno Campo & Lavoura encartado todas as sextas-feiras, seis inserções diárias na editoria de economia e dois suplementos Mais Campo, que acompanharam o Caderno, de modo a analisar e entender a presença e as características da comunicação rural no que se refere à linguagem adequada para o agricultor e para o leitor comum.

O primeiro capítulo mergulha nos aspectos da comunicação rural, os fatores que envolvem o agronegócio e a sua importância social. O embasamento também corresponde ao jornalismo científico. A difusão das TICs (Tecnologias de Informação e Comunicação), especialmente da internet, a mais revolucionária das tecnologias de comunicação, tornou-se uma necessidade para o meio rural, tanto quanto já era para o urbano, visando atender à demanda por conhecimento e informações atualizadas e constantes.

No segundo capítulo é abordada a linguagem jornalística e a linguagem adequada para o produtor. Para Bordenave (2003), o homem rural apresenta códigos e meios próprios para se comunicar o que caracteriza o seu estilo de vida agrícola. Lage (2006), diz que a linguagem jornalística restringe um conceito, que serão relacionadas com os registros de linguagem, com o processo de comunicação e com compromissos ideológicos. Tenta projetar no leitor os sentimentos dos envolvidos na notícia.

O terceiro capítulo apresenta um breve histórico do jornal Zero Hora, acompanhando desde seu surgimento e evolução até os dias de hoje e do encarte Campo & Lavoura que o acompanha todas as sextas-feiras. O Caderno Campo & Lavoura é um suplemento informativo voltado para o agronegócio. Com o avanço do agronegócio, os leitores do meio rural formaram um nicho de mercado crescente, visto que a economia do Rio Grande do Sul tem na exportação de produtos da agropecuária uma significativa parcela da renda do estado. O suplemento informativo é abastecido de notícias e matérias jornalísticas que devem ser comprometidas com a informação do homem do campo.

No quarto capítulo durante o percurso metodológico deste trabalho, faz-se análise de conteúdo dos textos no Caderno Campo & Lavoura, nas inserções diárias e no suplemento Mais Campo. Para este capítulo, a partir da leitura de Laurence Bardin (2000); Silva, Gobbi & Simão (2004) citando Godoy (1995) e Trivinos (1987), foi possível apresentar alguns significados relacionados à transmissão de informações. Para tanto, optou-se pela análise de conteúdo, utilizando a linguagem jornalística e atendendo os princípios da comunicação rural.

Ainda no quarto capítulo observa-se nos textos jornalísticos a transferência da inovação tecnológica com relação à etapa do ciclo das culturas de inverno e a visão do agricultor sobre essa nova tecnologia. Dessa maneira analisa-se a forma que está sendo utilizada a linguagem em matérias jornalísticas veiculadas, para que esteja adequada ao homem do campo e ao leitor comum, pesquisando registros e estudos já realizados sobre esta relação. A análise de conteúdo permite delinear este mundo de investigação, para que possam contribuir cada vez mais com o crescimento mútuo e, por consequência, da sociedade, auxiliando na promoção do bem comum.

1 A COMUNICAÇÃO

Neste capítulo será tratado a definição da comunicação rural. Será feita uma análise do agronegócio, no qual este exige um jornalismo adequado, voltado ao campo e educador científico e como as tecnologias da informação na comunicação (TICs) podem ser utilizadas no espaço rural.

1.1 A Comunicação Rural

Juan Diaz Bordenave (1983), define comunicação rural como um processo maior do que uma informação rural ou a extensão rural, motivo pelo qual ela não é simples nem fácil e requer cuidados na linguagem, que deve ser apropriada para o universo rural.

Comunicação rural é o conjunto de fluxos de informação, de diálogo e de influência recíproca existentes entre os componentes do setor rural e entre eles e os demais setores da nação afetados pelo funcionamento da agricultura, ou interessados no melhoramento da vida rural (BORDENAVE, 1983, p. 7).

Bordenave (1983), afirma que a comunicação Rural é considerada hoje um importante fator de desenvolvimento. Ela é concebida como um fluxo de dupla via, programado e sistemático, de mensagens informativas, motivacionais e, ou, cognoscitivas, intercambiadas pelos diversos setores sociais envolvidos, com o fim de facilitar sua ação recíproca e fazer mais consciente, organizada e efetiva sua participação no desenvolvimento rural.

Para Marques de Melo (2003, p.15), a essência do jornalismo está no fluxo de informações da atualidade que ocorre nas páginas dos jornais.

O jornalismo é um processo social que se articula a partir da relação (periódica/oportuna) entre organizadores formais (editoras/emissoras) e coletividades (públicos/receptores), através de canais de difusão (jornal /revista/ rádio/ televisão/ cinema) que asseguram a transmissão de informações (atuais) em função de interesses e expectativas (universos culturais ou ideológicos). (MARQUES DE MELO, 2003, p.17)

O processo de comunicação humana é universal, mas a comunicação urbana e rural tem diferenças. A população rural vive em função de uma atividade – a agricultura. Existe uma diferença cultural e social aos habitantes da zona rural, especialmente no que se refere às atividades trabalhistas, onde os agricultores são autônomos e determinaram seus horários conforme suas condições físicas e conforme a demanda de trabalho.

Já os habitantes das áreas urbanas desenvolvem funções específicas, cumprindo, em geral, uma carga horária estipulada de trabalho. Assim, o modelo de desenvolvimento rural determina maneiras de utilizar a comunicação que nem sempre coincidem com a comunicação nos modos urbanos. Bordenave (1983), afirma ainda que a sociedade rural está composta de grupos, associações, empresas e famílias entre as quais existem numerosos e dinâmicos fluxos de comunicação.

É através destes fluxos que os problemas comuns são identificados e articulados e muitos deles resolvidos pela população rural sem intervenção alguma do governo. É pelos canais formais e informais no seio das comunidades rurais que se processam fenômenos tão importantes para o desenvolvimento agrícola como a imitação e a emulação recíprocas, a difusão de inovações tecnológicas e sociais, a emergência das lideranças, os movimentos cooperativistas, a defesa coletiva da ecologia e, em geral, o grande movimento participativo do povo rural na vida da nação (BORDENAVE, 1983, p. 8).

Marcelo P. Figueiredo (2011) citando Geraldo Magela Braga, entende que a comunicação rural, ultrapassando a sua tradicional concentração excessiva na transferência mal feita de tecnologia aos agricultores, se destina também a demonstrar aos dirigentes a toda população que é urgente adotar políticas de reativação da agricultura e de valorização integral do espaço rural.

Segundo Margarida Kunsch (1993, p. 6), a comunicação rural é muito mais complexa do que se pensa. Infelizmente, no decorrer dos últimos anos não mereceu por parte das escolas de comunicação social a devida atenção, no que se refere ao ensino enquanto a melhor definição das linhas de pesquisa, ficando muito impregnada do extensionismo, do funcionalismo e do difusionismo de inovações, sob forte influência dos paradigmas importados e distanciados, portanto, da realidade brasileira.

A sociedade rural deve receber o conhecimento gerado em universidades, decodificados e em linguagem jornalística de fácil entendimento. Melo (1993), diz que trata-se de um desafio a ser enfrentado pela comunidade universitária da comunicação social, na

medida em que o Brasil permanece com um perfil econômico marcado pela produção agropecuária, fonte significativa da sua pauta de exportações.

A comunicação com o meio rural ainda encontra barreiras para se integrar totalmente no contexto da comunicação brasileira. Melo (1993), lembra que desde a implantação no Brasil, em meados da década de 60, as Escolas de Comunicação Social, algumas tentativas foram feitas para incorporar o universo da comunicação rural às atividades didáticas e científicas daquelas instituições. Todavia, é forçoso reconhecer que o espaço ocupado até agora pela Comunicação Rural é periférico e descontínuo.

Cláudia Iziq (2011), afirma que as mensagens da comunicação rural são disseminadas pelos diversos setores, com a finalidade de facilitar sua ação mútua e fazer mais consciente, preparada e eficaz sua participação no desenvolvimento rural.

A comunicação rural hoje, nem sempre é constituída pelo jornalismo. Muito disso se deve ao agronegócio, conseqüente do meio rural e atuante na comunicação. Bordenave citado por Braga e Kunsch (1993), diz que existem fluxos na comunicação rural. O principal deles é o que faz a articulação de necessidades e problemas entre os agricultores e a apresentação desses problemas, para as instituições que podem ajudar na solução.

O segundo fluxo é aquele que ocorre entre os agricultores e os serviços de apoio, tais como os de pesquisa agropecuária, extensão rural, crédito agrícola, reforma agrária, etc. É importante perceber que, os serviços de apoio não formulam a política agrária do país, onde com frequência é possível perceber certa defasagem entre o que os serviços gostariam de fazer em favor do agricultor e o que os políticos e tecnocratas lhe permitem fazer, por meio da política agrária.

A divisão existente na área de conhecimento da comunicação urbana e rural, já pressupõe a presença das interpretações maniqueístas que sempre pensaram em separar as realidades e adquire dessa separação um rendimento funcional mais adequado às formas de dominação. Durante o tempo em que não houve contestação a esse pressuposto, para alguns pesquisadores, essa separação resultava na possibilidade única de encontrar no mundo rural um espaço societário homogêneo, com características tão distintas e marcadamente evidentes, que validavam a metodologia comparativa a partir de um modelo ideal. Ao mesmo tempo, a separação constituía-se, para outros, no refúgio do trabalho ideológico justificando socialmente como o status de produção científica, com vistas a transformações sociais dirigidas e com resultados bem diferentes dos objetivos a que se propunham. (BRAGA, 1993, p. 55)

Renato Souza (1999) lembra que a Comunicação Rural é desconhecida na sua essência, pela maioria dos comunicadores do País, apesar da propalada vocação agrícola da

nação e de o agronegócio brasileiro participar de quase metade do PIB nacional. No Brasil, sempre esteve restrita aos técnicos em agricultura e foi orientada para ser empregada nos movimentos de difusão agropecuária. Fez parte de um pacote agrícola americano de tecnologia, exportado para o Brasil nos anos 50/60, conhecido como Revolução Verde, o qual veio carregado de ideologia e destinado à formação de hábitos de consumo no produtor rural. Para assim, estabelecer um mercado de insumos agrícolas, que estavam em plena difusão nos países do primeiro mundo sob um discurso oficial de ajuda internacional, apoio profissional e repasse de tecnologia.

Teixeira (1988), citado por Braga & Carvalho diz que a comunicação rural era a ferramenta maior ou a única de que dispunha o Ministério da Agricultura para mediante a Extensão Rural Brasileira falar com o homem do campo. No entanto, a formação urbana dos técnicos, a forma autoritária de repasse da tecnologia e a diferença de cultura entre emissor e receptor criavam fortes resistências e recusas em adotar as técnicas apresentadas. Essa forma de comunicação foi e continua sendo fonte de enormes ruídos entre os sujeitos do processo comunicacional.

Para os autores, a Empresa de Assistência Técnica e Extensão Rural (EMATER) em todo o Brasil, e a CATI (Coordenadoria de Assistência Técnica Integral) em São Paulo, foram autênticos laboratórios de experimentos comunicacionais com o homem do campo em todo o território brasileiro. A partir dos anos 80, o sistema de Extensão / Comunicação Rural entrou em colapso político ideológico e afastou-se de seus paradigmas.

Após as sucessivas crises das últimas décadas e a globalização dos anos 90, corporifica no cenário rural, uma nova forma de Extensão e Comunicação Rural. Inovando a filosofia de ação, gerando novos conceitos paradigmáticos na abordagem do novo mundo rural e inserindo-os como coadjuvantes, na vida urbana brasileira, como parte essencial e viva do emergente Agronegócio brasileiro.

O pesquisador afirma também que, apesar de o setor agroindustrial gerar mais de 40% da renda nacional, o maior setor da economia surge do meio rural, o qual sua presença ainda é muito pequena nos veículos de comunicação. Acredita-se que isto se deva ao pequeno número de profissionais de comunicação especializados em agropecuária.

Paulo Freire (1983) afirma que a Comunicação Rural no futuro, como parte do extensionismo, deverá ser praticada por um técnico consciente de sua missão no meio, com simpatia pela atividade e noções claras das diferenças básicas entre o homem do campo e o homem urbano, conhecendo e respeitando as idiossincrasias rurais.

Francisco R. Caporal (1991) afirma que a Extensão Rural, na prática de comunicação com o ruralista, deve abrigar equipes interdisciplinares conscientes de que as angústias sociais no campo não se resumem ao desconhecimento técnico, nem são eliminadas com o simples repasse de conhecimentos científicos. O novo extensionista terá pela frente a difícil tarefa de amenizar a grande distância entre a comunidade rural e a vida urbana. Aguçando naquela célula social a noção de cidadania, orientando seus anseios aos agentes instituídos e com poder de apoio e de decisão. Caberá ao Comunicador Rural filtrar o útil e desprezar o inútil para o meio, o que, obviamente exigirá desse profissional algum conhecimento técnico do meio.

O Jornalismo como guardião da liberdade e dos direitos da sociedade, deve lembrar que, mesmo nos “cafundós” de nossos sertões, vivem brasileiros com os mesmos direitos da população urbana. Desde os tempos sesmariasais, o Brasil vem obtendo destaque no mercado internacional por meio da produção agrícola, iniciando pelo açúcar do Nordeste, no período colonial, e, no período imperial, o café brasileiro correu o mundo (CAPORAL, 1991, p. 98).

Marcelo P. Figueiredo (2011) citando Oliveira, diz que as três últimas décadas foram marcadas por profundas transformações no mundo rural. O produtor teve de se adequar em um curto espaço de tempo, a uma nova realidade, onde a produção de subsistência deu lugar a um complexo sistema agroindustrial, articulando a agricultura e as zonas urbanas, a economia agrícola e a industrial. O conhecimento deixou de ser privilégio e tornou-se fator de desenvolvimento da agricultura.

Izique (2011) afirma que o novo meio rural incorporou atividades até então consideradas como *hobbies* ou pequenos empreendimentos, transformando-as em negócios rentáveis: multiplicam-se os "pesque e pague", os sítios de lazer, as casas de campo, fruticultura, floricultura, além de uma série de serviços, como restaurantes, clubes, hotéis-fazenda, etc.

Para a autora, essas atividades têm se revelado, muitas vezes, mais lucrativas do que a produção agrícola tradicional. Os mais de mil pesque e pague espalhados por chácaras e sítios em todo o Brasil, por exemplo, utilizados como lazer pela classe média urbana, já são responsáveis por 90% do destino dos peixes de água doce criados em cativeiro. Muitas dessas

propriedades trocaram a agricultura pela pescaria de lazer, que pode gerar alta receita para os proprietários.

Para Graziano (1996) está cada vez mais difícil delimitar o que é rural e o que é urbano. Pode-se dizer que o meio rural brasileiro se urbanizou nas duas últimas décadas, como resultado do processo de industrialização da agricultura, de um lado, e de outro do transbordamento do mundo urbano naquele espaço que tradicionalmente era definido como rural.

Como resultado desse duplo processo de transformação, a agricultura - que antes podia ser caracterizada como um setor produtivo relativamente autárquico. Com seu próprio mercado de trabalho e equilíbrio interno - se integrou no restante da economia a ponto de não mais poder ser separada dos setores que lhe fornecem insumos e/ou compram seus produtos. Essa integração terminou por se consolidar nos chamados "complexos agroindustriais" que passaram a responder pela própria dinâmica das atividades agropecuárias ali vinculadas.

Menéndez (1985), citado por Graziano, ressalta que o rural ainda hoje é definido habitualmente como o mundo não urbano ou não metropolitano. E que a visão que se tem do mundo rural ainda esta inteiramente vinculada à evolução do mundo agrário, enquanto a indústria e os serviços parecem ser características naturais do meio urbano, mas já não se pode falar de mundo rural identificando-o excepcionalmente com as atividades agropecuárias.

Por isso, é que Menéndez (1985), citando Marsdem, ressalta que é preciso reconceituar o agrário, pois no final do século XX as áreas rurais dos países desenvolvidos começaram a exibir formas sociais e econômicas de organização paradigmáticas à medida que a sociedade sai "padrões fordistas". Tais desenvolvimentos pressionam por novos modos de regulação por parte do Estado, que incluam as políticas ambientais e de planejamento do uso do solo e da água, de bem estar social, de desenvolvimento rural, etc. O autor cita três pontos focais do debate atual:

- a) a mudança rural é multidimensional, ou seja, não pode ser vista apenas da ótica econômica ou social, nem do ponto de vista estrito da produção e/ou do consumo;
- b) é preciso incorporar a esfera da circulação como parte das "novas formas, mais especificamente, o capital financeiro;

- c) o significado do atual processo de “commodotization¹” e que as áreas rurais estão crescentemente associadas com atividades orientadas para o consumo, tais como, laser, turismo, residência, preservação do meio ambiente, etc.

O autor ainda afirma que no mundo rural dos países desenvolvidos esse novo paradigma "pós-industrial" tem um ator social já consolidado: o *part-time farmer* que podemos traduzir por agricultores em tempo parcial. A sua característica fundamental é que ele não é mais somente um agricultor ou um pecuarista: ele combina atividades agropecuárias com outras atividades não agrícolas, dentro ou fora de seu estabelecimento, tanto nos ramos tradicionais urbanos industriais, como nas novas atividades que vem se desenvolvendo no meio rural, como lazer, turismo, conservação da natureza, moradia e prestação de serviços pessoais. Em resumo, o *part-time* não é mais um fazendeiro especializado, mas um trabalhador autônomo que combina diversas formas de ocupação (assalariadas ou não). Essa é a sua característica nova: uma pluriatividade que combina atividades agrícolas e não agrícolas.

1.2 Jornalismo e o Agronegócio

Borgato (2011) define o agronegócio como um conjunto de negócios relacionados à agricultura e pecuária dentro de um ponto de vista econômico. O termo agronegócio surgiu em 1957 na Universidade de Harvard, quando professores realizaram um estudo baseado na matriz insumo-produto e formalizaram o conceito. Agronegócio é a soma total das operações de produção e distribuição de suprimentos agrícolas, das operações de produção nas unidades agrícolas, das operações de produção, do armazenamento, processamento e distribuição dos produtos agrícolas e itens produzidos a partir deles.

No Brasil, o termo agropecuária é usado para definir o uso econômico do solo para o cultivo da terra, associado com a criação de animais. Agronegócio (também chamado de *agrobusiness*) é o conjunto de negócios relacionados à agricultura dentro do ponto de vista econômico (PORTAL DO AGRONEGÓCIO, acesso em 10 de junho de 2012).

¹ Comoditização – transformar um produto em commodity, ou seja, produzido em grande escala e padronizado para as necessidades de um mercado atacadista comum.

No Brasil, o agronegócio representa em torno de um terço do PIB, por este motivo, é considerado o setor mais importante da economia nacional.

Para Figueiredo (2011) o agronegócio é dividido em três partes: a primeira parte trata dos negócios agropecuários propriamente ditos, ou de "dentro da porteira", que representam os produtores rurais, sejam eles pequenos, médios ou grandes. Na segunda parte, os negócios à montante da agropecuária, ou da "pré-porteira", representados pela indústria e comércio que fornecem insumos para a produção rural, como, por exemplo, os fabricantes de fertilizantes, defensivos químicos, e equipamentos agrícolas. E na terceira parte estão os interesses dos fluxos dos negócios agropecuários, ou de "pós-porteira", onde está à compra, transporte, beneficiamento e venda dos produtos agropecuários até o consumidor final. Enquadram-se nesta definição os frigoríficos, as indústrias têxteis e calçadistas, empacotadores, supermercados e distribuidoras de alimentos.

A maior velocidade no fluxo de informação e, principalmente, com a tecnologia, que cada vez se tornava mais específica, as atividades de produção de fertilizantes, defensivos, máquinas e implementos, rações e pesquisa saem da alçada das propriedades agrícolas e passam para terceiros, especializados nas empresas do chamado "antes da porteira" (BORGATO, 2001, p. 58).

Segundo o pesquisador, a valorização da informação desenvolveu o setor agropecuário, onde a especialização torna-se importante na busca por uma economia de escala, visando reduzir custos de produção e obter vantagens competitivas para os produtores rurais. A agricultura, que se resumia aos resultados de "dentro da porteira", vai ganhando especificidade. E hoje o termo agricultura refere-se às atividades de plantio, condução, colheita e à produção de animais, ou seja, o "dentro da porteira", tendendo a concentração nos valores agregados na "pós-porteira" (FIGUEIREDO, 2011, p. 20).

Bueno (2008), lembra que o setor rural é visto pela mídia como um espaço de produção de riqueza e não como um ambiente rico em relações sociais e pródigo em manifestações culturais que tem contribuído para moldar a identidade brasileira.

Uma das formas de comunicação para o agronegócio é o jornalismo científico, para atuar como educador e popularizar as ciências agrárias e inovações tecnológicas. O Jornalismo Científico diz respeito à divulgação da ciência e tecnologia pelos meios de comunicação de massa segundo os critérios e o sistema de produção jornalístico.

Para Bueno (2011), o jornalismo científico tem como principal objetivo promover a divulgação da ciência ao homem leigo, ou seja, àquele que não possui conhecimento específico em determinadas áreas. O autor diz que o jornalista deve ser o mediador entre o cientista e o público não especializado, informando a comunidade a respeito das várias questões que envolvem a ciência e suas aplicações.

Zamboni (2001) concorda com este pensamento afirmando que:

A emergência de inúmeros temas relevantes, entre os quais se destacam clonagem, transgênicos, nanotecnologia, mudanças climáticas, biodiversidade entre outros, tem contribuído para que os meios de comunicação dediquem maior espaço e tempo, nos últimos anos, à Ciência e Tecnologia. Há um debate mais amplo na sociedade sobre as repercussões do progresso técnico e científico e ele repercute na mídia (ZAMBONI, 2001, p. 255).

Bueno (2009), afirma que o jornalismo brasileiro cobre o agronegócio nas páginas de economia, anda refém de executivos de algumas grandes empresas nacionais e internacionais que promovem, cínica e hipocritamente, o lobby dos insumos, pouco preocupados com as questões sociais, ambientais e mesmo com a nossa segurança alimentar. A proposta é festejar os lucros, o "management", as exportações realizadas à custa dos nossos recursos naturais.

Bueno (2008), afirma ainda que a cobertura do agronegócio precisa ser aumentada, mas esta conquista de espaço na mídia deve pautar-se pela qualidade. Ela precisa agregar valor às matérias que se produz, fugindo do processo de commoditização do conhecimento. Não deve confundir rural com agronegócio porque o universo do campo não se reduz à perspectiva econômica. Deve especialmente libertar-se do oficialismo das fontes e das pautas que a tem tornado cúmplice dos grandes interesses. O jornalismo em agribusiness precisa, com urgência, atingir um novo patamar e conquistar novas fronteiras.

Bueno (2011) conclui que o apoio ao agronegócio não pode ser incondicional, como se ele estivesse sempre comprometido com os interesses do país e dos seus cidadãos. Que os cidadãos conscientes, os comunicadores críticos, o jornalismo agrícola sejam mais investigativos e denunciem o que se esconde por trás deste oba-oba em favor do agronegócio, sem que fique claro de que agronegócio estamos falando. O agronegócio é um bicho com muitas caras e não devemos apostar em todas elas. Estimular o agronegócio que atenda ao interesse público é justo e adequado. Favorecer setores monopolistas ou predadores é um equívoco admirável.

Luiz Carlos Oliveira (1994, p. 15) reflete que vivemos uma realidade nova e sob nova ótica devemos analisá-la, bem como discutir medidas e políticas que a ajustem e promovam as mudanças necessárias ao seu desenvolvimento harmônico. O complexo agropecuário necessita da integração de todos os setores, atividades e tipos de produtos agrícolas, até mesmo muitos não agrícolas. Essa integração deverá acontecer de baixo para cima, partindo-se da perspectiva das pequenas propriedades agrícolas para a rede de interrelações a que se liga. A agricultura de subsistência tem que começar a utilizar-se do marketing rural para encontrar e ocupar o seu lugar no amplo espaço do agribusiness brasileiro, para que saia da categoria de classe excluída do processo de desenvolvimento. Um desafio para o estado que poderia se valer do auxílio de mídias como cadernos especializados.

1.3 Novas Tecnologias de Informação e Comunicação (TIC) no Meio Rural

Neste sub capítulo para falar sobre as TICs no meio rural, o estudo foi realizada em livros e artigos acadêmicos disponíveis na internet.

O surgimento e a disseminação da Internet sem dúvida foi o marco primordial para a entrada em uma nova era, na qual não existem mais os obstáculos de tempo, de espaço e de identidade. Observa-se que a liberdade conquistada abre espaço para um agir totalmente reformulado, onde ainda não se conhece a forma decisiva desse novo meio de influência mútua entre as pessoas.

No âmbito das tecnologias de informação e comunicação (TIC), Thornton (2003) destaca que o surgimento e a disseminação da internet, sem dúvida, foram o grande marco para a entrada em uma nova era, na qual não existem mais as barreiras de tempo, de espaço e de identidade. Observa-se que a liberdade conquistada abre espaço para um agir totalmente reformulado, em que ainda não se conhece a forma definitiva desse novo meio de interação entre as pessoas.

Essa nova opção tecnológica está modificando qualitativamente os modos de relação social e de orientação cultural, até mesmo no mundo rural. A internet enquanto inovação tecnológica resulta em novas formas de organização/ação, designando rotinas de acesso, conexão e horários.

Para Thornton (2003), a Internet é uma ferramenta essencial, porém é fundamental pensar no processo de apropriação individual. A adoção das TICs inclui fatores como o

acesso, o uso, a assimilação, condicionados por um contexto de chances e chantagens, que sempre devem ser levadas em consideração.

Segundo Vieiro & Souza (2008), o espaço agrário é marcado pela exclusão social, tendo, no avanço da informática e da eletrônica, uma possibilidade de reestruturação. Portanto, a comunicação deve ser um instrumento para viabilizar a inserção cidadã das comunidades na era digital, garantindo a preservação de sua identidade e cultura.

Em se tratando de mundo rural, uma série de questões surge acerca do processo de adoção da Internet. Esta somente será efetiva quando o produtor tiver incorporado seu uso na rotina cotidiana, ou seja, quando a empregar com naturalidade na busca por soluções ou alternativas aos problemas do seu dia-a-dia.

Conforme Vieiro & Souza (2008) este conceito trata de estabelecer uma relação explícita e permanente entre a realidade em que vive o produtor e a da utilização da tecnologia e da técnica. É essencial que o produtor tenha consciência dos recursos que dispõe e saiba conciliar o uso da Internet com outras tecnologias mais tradicionais. Tendo em mente com que recursos, em que momento, a cargo de quem, para quem e para que pode ou deve fazer uso de determinada tecnologia.

Nesse sentido, segundo Thornton (2003), o acesso a Internet deve estar conformado por dois componentes fundamentais:

1. A **conexão**, ou seja, possibilidade de dispor da infraestrutura necessária para poder conectar-se a rede mundial de computadores.
2. O **manejo técnico** dos pacotes tecnológicos que permitem as pessoas fazer uso da Internet. Isto significa que ter conexão sem possuir os conhecimentos para usar os pacotes não é ter acesso. Dispondo somente de conexão, terão acesso àquelas pessoas que, por suas condições sociais e econômicas, já possuírem conhecimento acumulado suficiente para aprender a utilizar a Internet com poucas instruções.

Para Neto (2000), as modernas tecnologias de informação e comunicação podem também ser utilizadas para beneficiar as zonas rurais no que se refere aos acessos a serviços que anteriormente lhes estavam vedados por questões de ordem geográfica, bem como desenvolver novos serviços. Neste campo ganham especial importância os denominados modelos de relacionamento Administração Central – Cidadão e a tele-medicina.

Ada Silveira (2003) diz que as novas tecnologias permitiram a integração de vários modos de comunicação em uma rede interativa. Aspectos como alcance global, integração e

interatividade são características fundamentais das novas tecnologias de informação e comunicação. Afirma Castells (1999) que:

A integração potencial de textos, imagens e sons no mesmo sistema – interagindo a partir de pontos múltiplos, no tempo escolhido (real ou atrasado) em uma rede global, em condições de acesso aberto e de preço acessível – muda de forma fundamental o caráter da comunicação. E a comunicação, decididamente, molda a cultura porque, como afirma Postman “nós não vemos... a realidade... como ela é, mas como são nossas linguagens. E nossas linguagens são nossas mídias. Nossas mídias são nossas metáforas. Nossas metáforas criam o conteúdo de nossa cultura”. Como a cultura é mediada e determinada pela comunicação, as próprias culturas, isto é, nossos sistemas de crenças e códigos historicamente produzidos são transformados de maneira fundamental pelo novo sistema tecnológico e o serão ainda mais com o passar do tempo (CASTELLS, 1999, p. 354).

No que se referem às possibilidades aventadas pelas TICs para o meio rural, pode-se destacar diversas vantagens. Conforme Silveira (2003), a ampliação de horizontes e incorporação de expectativas, a constituição de grupos de comercialização, novas políticas públicas, estimativas de safras e desempenhos nas bolsas de valores e *commodities*, serviços bancários, cooperativas de crédito e de produção, educação à distância e assistência técnica.

Silveira (2003) ressalta ainda que a Internet é uma ferramenta poderosa, mas basicamente, uma ferramenta. Como tal, sua utilidade depende de como, quem e para quem se utiliza e dos interesses que representa para os usuários. Nesse sentido, o simples fato de estar conectado a rede não implica mudanças substanciais nas condições dos indivíduos, empresas, comunidades ou países. Os processos de informação, comunicação e geração de novos conhecimentos têm na Internet uma ferramenta fundamental que os sustenta, mas como toda ferramenta deve-se pensar para que ela seja desejada (objetivos e metas) e então pensar em que tipo de uso e de acesso é necessário para se atingir este objetivo.

Viero & Silveira (2011) citando Elisa Lübeck, apontou que a infraestrutura é um dos maiores entraves à universalização do acesso à internet, visto que ainda é um problema nas pequenas vilas e zonas rurais, e a banda larga só é acessível nos centros urbanos. Mas outro entrave à inclusão digital no meio rural refere-se à ausência de conteúdos específicos para essas comunidades, posição também reiterada por Sorj (2003). Situação que se deve, em grande parte, à linhagem desses conteúdos serem do meio urbano, do espaço comercial e do acadêmico, tanto no que se refere a usuários quanto aos produtores de conteúdos.

Nesse sentido, o meio rural já não pode mais ser visto como um local distante e atrasado pelos que vivem no meio urbano e industrial, mas, sim como um sinônimo de

diversidade que está em constante desenvolvimento, e aproxima-se cada vez mais, do meio urbano. Para tanto, é fundamental que as informações disponíveis levem em estima os saberes locais e que os agricultores não sejam vistos como meros receptores, mas, também como parte influente, atores essenciais que devem integrar a Sociedade da Informação.

2. LINGUAGEM JORNALÍSTICA E LINGUAGEM PARA O PRODUTOR

Segundo Bordenave (2003) a comunicação mais que um processo de ‘transmissão e difusão’, passa a ser um processo de ‘relacionamento’ entre as pessoas, que se realiza mediante a ‘linguagem’, ou seja, os códigos e os meios utilizados sem um determinado ‘contexto’ físico, social e cultural. Para o referido autor (1988), a comunicação humana enquanto processo não se divide em rural e urbana, visto que seus meios e mensagens alcançam todas as pessoas, independentemente do lugar onde moram.

Bordenave (1995), diz que o homem rural apresenta códigos e meios próprios para se comunicar, o que caracteriza o seu estilo de vida agrícola. Porém, esta noção vem perdendo sua importância, tendo em vista a grande aproximação entre o meio rural e o urbano. À medida que se desenvolve a consciência de que o processo de desenvolvimento não consiste somente na introdução de tecnologias modernas e no crescimento econômico. O antigo conceito de comunicação, que era equivalente a mera difusão de mensagens informativas, persuasivas ou instrutivas, foi substituído pelo conceito de comunicação como relação entre as pessoas.

É preciso esclarecer que a população rural é composta de pessoas em todos os níveis de instrução, desde analfabetos até universitários. Consequentemente, as mensagens não podem ser todas do mesmo estilo, e sim, devem ser elaboradas segundo seu respectivo público (BORDENAVE, 1983, p. 64).

Para Wilson Schmitt (1977), especializado em comunicação rural, o jornalista quando escrever para o agricultor, não deve pensar em si e seu prestígio literário, e não deve preocupar-se com a crítica que seu trabalho receber. Ele deve pensar nos leitores e colocar-se no lugar do agricultor. Nada mais desagradável do que usar um estilo rebuscado, difícil e obscuro. Quem lê quer compreender o autor e estabelecer com ele uma “comunhão de significados”. Para isso, devem ser evitados os termos técnicos e científicos que são

desconhecidos do agricultor. O mesmo pode-se dizer com relação aos termos difíceis e indefinidos.

Bordenave (1983) afirma que na comunicação rural deve prevalecer uma linguagem que se remeta ao diálogo, pois, o agricultor não busca explicações em livros, mas, sim conversa com seus pares. Apostar no diálogo, para o um veículo de comunicação impresso, é uma forma de estabelecer um vínculo entre comunicação e o meio rural.

Segundo Ney Bittencourt de Araújo (1994), fundador da empresa produtora de milho híbrido, Agrocere, o principal objetivo da comunicação rural é o de levar informações estruturadas ao produtor rural, de forma a integrá-lo, de maneira competitiva ao ambiente econômico e permitir o seu desenvolvimento como agente econômico. Enfrentar o problema do pequeno produtor e a agricultura de subsistência.

Entretanto, é também importante dar conhecimento a todos os elementos do sistema, especialmente o mercado de acontecimentos relevantes do setor rural. As oportunidades do desperdício. “Analisar qualitativa e quantitativamente, o público rural definido claramente os segmentos que constituem seu público. Definir prioridades: o que, quando, como, onde e porque” (ARAÚJO, 1994, p. 2).

Nilson Lage (2006, p. 48) diz que definir linguagem jornalística “é restringir um conceito. As restrições que se aplicam à linguagem jornalística serão relacionadas com os registros de linguagem, com o processo de comunicação e com compromissos ideológicos”.

O autor explica que existem dois tipos de registros de linguagem: o formal e o coloquial, onde aquele se aplica à escrita e, este, à fala.

A linguagem formal é mais durável e tende a preservar os usos lingüísticos do passado. Imposta pelo sistema escolar, é uma espécie de segundo idioma que aprendemos e que pode servir como índice de ascensão social. A linguagem coloquial é espontânea, de raiz materna, reflete a realidade comunitária, regional, imediata; alguns dos seus cometimentos são passageiros e outros terminam por se formalizar, incorporando-se à literatura e à escola (LAGE, 2006, p. 48).

Lage (2006) diz ainda que do ponto de vista da boa comunicação, é preferível optar pelo registro coloquial. Isso porque qualquer pessoa tem acesso a ele, tanto quem teve oportunidade de estudar, quanto quem não teve. Porém, o registro formal é imposto a toda hora, e qualquer desvio às normas é considerado erro. Para tornar a linguagem menos conflituosa, é preciso que se haja um equilíbrio entre a linguagem formal e a coloquial.

O autor explica que no processo de comunicação, é preciso ter em mente que a linguagem jornalística é em sua essência referencial, ou seja, o jornalismo fala de algo externo, fala em terceira pessoa e fala para um receptor.

Sobre os compromissos ideológicos, Lage (2006) observa que “as grandes e pequenas questões da ideologia estão presentes na linguagem jornalística. Porque não se faz jornalismo fora da sociedade e do tempo histórico”, ou seja, o jornalismo tem a tarefa de valorizar e de tornar permanentes os valores culturais e a soberania, a fim de não deixar com que o país se subjugue às outras culturas e torne-se marginalizado.

Karla Correia (2007) diz que quem produz o discurso é responsável por qualquer preconceito ou incitação que venha a causar, por isso, é preciso, antes de escrever, praticar, ler e dominar a língua. O jornalismo é sempre objetivo, direto e isso não pode ser esquecido. O uso de metáforas deve ser deixado para os textos literários, bem como as expressões que refletem sentimentalismo. O texto jornalístico deve ser, acima de tudo, imparcial.

De acordo com Lage (2005), a notícia se define como “o relato de uma série de fatos a partir do fato mais importante ou interessante; e de cada fato, a partir do seu aspecto mais importante ou interessante”. A notícia, segundo o autor, não relata fatos, sim os divulga. Na construção da notícia, o mais proeminente não é ordenar os fatos de maneira temporal, como em uma narrativa, mas contá-los a partir dos seus fatos mais importantes em ordem decrescente.

Jorge P. Sousa (2002) chama atenção para o fato de as notícias padecerem uma série de ânimos, assim, denominadas: “[...] toda a notícia é notícia de determinada maneira devido à ação informadora de uma série de forças [...] poderão, parece-me, ser categorizadas numa ação pessoal, numa ação social, numa ação ideológica, numa ação cultural, numa ação física e tecnológica [...]” (SOUSA, 2002, p. 26)

Para Lage (2006) o texto jornalístico como qualquer outro, pressupõe restrições do código linguístico. A redução do número de itens léxicos (palavras e expressões) e das regras operacionais postas em jogo não apenas facilita o trabalho, mas também permite o controle de qualidade. Em jornalismo, a ênfase recai sobre os conteúdos da mensagem, para o que é informado. O jornalismo se propõe a processar informação em escala industrial e para consumo imediato.

De acordo com Lage (2006), o texto jornalístico procura conter informação conceitual, o que significa suprimir usos linguísticos pobres de valores referenciais.

Bordenave (1995) diz que a sociedade existe na comunicação e por meio da comunicação, porque é através do uso de símbolos significativos que nos apropriamos das

atitudes. Isto quer dizer que a personalidade é uma produto social, gerado graças à interação com as demais pessoas.

Para o autor citado acima, talvez a função mais básica da comunicação seja a menos mencionada: “A de ser o elemento formador da personalidade”. Sem a comunicação de fato, o homem não pode existir como pessoa humana.

Sem dúvida o mercado rural é o mais dos segmentados de todos os mercados. Na comunicação, o papel do comunicador é simplificar a linguagem de acordo que o leitor e possa entender. Antes de tudo, mais do que entender sobre o que se escreve, o jornalista precisa saber com quem vai se comunicar, quais as necessidades, os problemas e as expectativas desse público.

É necessário escolher o meio adequado, estabelecer o que dizer, quando falar e como dizer. Desse modo, o texto torna-se mais fácil. A linguagem jornalística estabelece alguns critérios de valores notícias que a torna relevante para cada tipo de público. Portanto, para se comunicar de forma eficiente com o homem do campo, deve-se conhecer, entender e até mesmo gostar das coisas que ele faz.

3 ZERO HORA E O CADERNO CAMPO & LAVOURA

Neste capítulo será abordado um breve histórico do jornal Zero Hora, acompanhando desde seu surgimento e evolução até os dias de hoje, bem como o encarte Campo & Lavoura que acompanha todas sextas-feiras.

3.1 Zero Hora

As informações a seguir foram extraídas do trabalho de conclusão de curso de Franciele Zilli, em entrevista pessoal com a jornalista Franciane de Freitas no dia 08 de Outubro de 2008.

O jornal Zero Hora é o principal veículo da mídia impressa da Rede Brasil Sul (RBS), a maior rede de comunicação do Rio Grande do Sul e Santa Catarina. O jornal nasceu em quatro de maio de 1964, com a finalidade de substituir a Última Hora, jornal que havia sido fechado com a eclosão do golpe militar. Um ano após sua criação, introduziu a primeira novidade significativa, o Caderno 2, “voltado para temas de lazer e variedades” (p. 39).

A partir de 1966, Zero Hora reforçou a colaboração com a Rádio Gaúcha e a Televisão Gaúcha, para coberturas jornalísticas e promoções em geral. Essa colaboração permitiu uma atuação melhor e mais ampla de todos os veículos da RBS. Exemplo disso foi o envio, por Zero Hora e Rádio Gaúcha, do primeiro jornalista brasileiro ao front da Guerra do Vietnã, em maio de 1967. (p.39)

Em 1968, iniciou-se a construção do novo prédio do jornal, e a montagem de um novo parque gráfico, em que se utilizava a composição a frio e a impressão off-set – então a mais moderna tecnologia do setor no Estado. (p.39)

Em 1972 o setor de circulação foi reorganizado, e surgiu um departamento de transportes. Zero Hora passou a ser vendida em locais que até então não eram considerados pontos de venda habituais de jornal, como bares, supermercados e farmácias. Graças à frota

própria, o jornal pôde chegar com pontualidade em todo o interior do Estado. Posteriormente, a circulação foi ampliada para alguns municípios de Santa Catarina, bem como para as principais capitais do país e para Brasília, por via aérea. (p.39-40)

Este mesmo ano – 1972 – marcou o abandono definitivo da linotipia em favor do sistema de composição, e a instalação de três computadores de fotocomposição, que permitiram padronizar a apresentação gráfica do jornal. Também foram instalados novos aparelhos de telex, e adquiridos minitransmissores de telefone para reportagem fotográfica. (p.40)

Em 1975, Zero Hora tornou-se o jornal de maior venda avulsa do Sul do país. Em 1976, ocorreu uma ampliação no parque gráfico e “foi introduzida a expedição automatizada” e, no ano seguinte, “foi importado o sistema ótico de composição”. Todas essas tecnologias auxiliaram para a dinamização e agilização do processo de produção e impressão do periódico. (p.40)

Outro aspecto marcante desse período é a aquisição total das ações do jornal Zero Hora por parte da empresa RBS, cuja trajetória havia iniciado em 1957, com a criação da Rádio Gaúcha. A empresa assumiu o controle do periódico no ano de 1970 e, pouco depois, passou a introduzir mudanças voltadas à reformulação da linha editorial, adotando como princípio levar ao leitor o que ele quer (p. 41).

A mesma autora enfatiza que a preocupação com a veiculação de informações (e conquista de mercado) no interior do estado do Rio Grande do Sul é palpável desde o início da história do periódico. Para Zilli, uma “iniciativa importante foi a implantação de uma planta remota na cidade de Cruz Alta, onde se imprime parte da edição de Zero Hora, agilizando a distribuição do jornal no interior do Estado”.

No ano de 1988, deu-se início a um processo de informatização do jornal, o que tornou Zero Hora o “primeiro jornal totalmente informatizado do Rio Grande do Sul”. Atualmente, todos os setores encontram-se informatizados (p. 42).

A partir de 2011 o jornal Zero Hora além da impressa, oferece as assinaturas digitalizadas para tablets Androids, iPhones, iPads, celulares Androids, Mobile Site e Web. O assinante entra no site zerohora.com e acessa sua assinatura por meio de uma senha. Esta opção, na verdade, vem em formato PDF, na qual é possível o assinante folhar as páginas virtualmente em qualquer lugar, desde que tenha acesso a internet e um dos equipamentos atribuídos a leitura das mesmas.

3.2 Campo & Lavoura

O Caderno Campo & Lavoura consiste em um suplemento informativo voltado para o agronegócio. Acompanha o jornal Zero Hora, como encarte, às sextas-feiras.

Conforme Abarello e Weber (2010), o suplemento foi criado na década de 80 devido a movimentos de trabalhadores do campo pela conquista de uma política aberta para a sociedade. Lideranças de movimentos de agricultores perceberam ser hora de lutar por melhores condições. Então, no dia 02 de outubro de 1984 aconteceu o Grito do Campo. Na época, a maior mobilização de agricultores do país, realizada no Estádio Beira-Rio, em Porto Alegre, que contou com a participação de mais de 35 mil produtores que reivindicavam mudanças na política agrícola.

A veiculação de informações destinadas ao público do campo, através do jornal Zero Hora, na época, limitava-se a um Caderno anual, com matérias acerca da Expointer, realizada em Esteio. Paralelamente ao Grito do Campo, aumentou a procura por informações, por parte do público rural. Percebendo a necessidade de suprir tal demanda, o jornal Zero Hora transformou o informativo anual em um Caderno semanal, contendo informações acerca do agronegócio, nomeando-o Campo & Lavoura. Alberello e Weber, em 2010 citaram e-mail enviado pela redação do Campo e Lavoura em seu artigo.

O ano de 2009 celebra o 25º aniversário do Caderno Campo & Lavoura de Zero Hora. A versão semanal do suplemento, que até então só era publicada uma vez por ano durante a Expointer, circulava no dia 26 de outubro de 1984, vinte e quatro dias após o famoso movimento Grito do Campo. O mês que marcou o ato de protesto que reuniu mais de 40 mil produtores rurais gaúchos no Estádio Beira-Rio, em Porto Alegre, marcou também o nascimento do Caderno do agronegócio gaúcho (ALBARELLO e WEBER, 2010, p. 10).

É possível identificar que o Caderno Campo & Lavoura surgiu a partir de uma tentativa de ampliar a venda de informação no meio impresso para todo o estado (já que o interior era e é fortemente agrícola), uma vez que o conteúdo jornalístico rural somente ganhava espaço junto às edições da Expointer.

O suplemento foi criado na metade da década de 1980 e refletia, na época, o interesse pela inserção (social, informativa) de um segmento da população do Estado que residia e trabalhava na zona rural. Além disso, com o avanço do agronegócio, os leitores do meio rural formaram um nicho de mercado crescente, visto que a economia do Rio Grande do Sul é voltada para a agropecuária (PIPPI, 2005, p. 13).

A aceitação do novo veículo no mercado e a necessidade das empresas de usarem o espaço publicitário garantiu ao Caderno de agronegócio sua efetiva manutenção ao longo destes 28 anos. Por ser basicamente formado por conteúdo de agronegócio, envolvendo questões políticas e, principalmente econômicas, o Campo & Lavoura tem um lugar específico dentro do jornal Zero Hora nas sextas-feiras. Pippi (2005), aponta que a edição impressa do Campo & Lavoura é integrante da editoria de economia do jornal, sendo que, segundo dados da Marplan em 2005, 9,62% dos leitores lêem essa editoria. A parte de economia mantém bom percentual de leitores e é responsável por assegurar anunciantes para o Caderno.

Como a programação televisiva já possuía programas específicos para os espectadores rurais e o Caderno Campo & Lavoura do jornal Zero Hora manteve-se circulando semanalmente. Os produtores e editores dos produtos midiáticos rurais, no início do século XXI, organizaram uma produção conjunta, que se ligou também à difusão da internet que abarca o meio audiovisual e impresso em uma só ferramenta interativa. (ALBARELLO e WEBER, 2010, p. 11).

O suplemento informativo Campo & Lavoura, desde o ano 2000, é abastecido de notícias e matérias jornalísticas produzidas pela Central Multimídia RBS Rural, atendendo o setor de agronegócio na empresa. Em 2002, houve uma integração da estrutura do jornalismo rural, reunindo profissionais de TV, rádio, jornal e Internet, com produção unificada e linha editorial comum. A pauta escolhida para a produção é distribuída para os diferentes veículos da empresa comprometidos com a informação do homem do campo. Isso faz com que o Caderno possua uma versão on-line que reproduz, em parte, a pauta do suplemento impresso veiculado e da TV (PIPI, 2005, p.13).

As novas tecnologias de informação proporcionaram ao Caderno impresso uma abrangência maior de temas e um aprofundamento proporcionado pela internet e pelo trabalho conjunto entre os meios televisivos, radiofônicos e digitais, dando identidade ao atual *Campo & Lavoura*. (ALBARELLO e WEBER, 2010, p. 11).

As informações a seguir foram exclusivas durante uma visita a redação do jornal Zero Hora, no dia 15 de outubro de 2012, em uma entrevista com a editora do Caderno Campo & Lavoura, Gisele Loeblein, acompanhada do Prof. Dr. Benami Bacaltchuk, orientador desta monografia.

O Caderno Campo & Lavoura atualmente é composto com quatro páginas e busca falar do agronegócio, ou seja, falar do campo também para os leitores urbanos. O último projeto gráfico foi alterado em 1994 e neste ano há uma intenção embrionária ainda, de um

novo projeto em busca do aperfeiçoamento para o Caderno. Neste ano de 2012 foi incrementado em algumas edições o suplemento “Mais Campo” em quatro páginas, com o tema Gestão Rural e Tecnologia.

O Caderno possui núcleos de correspondentes no interior do Estado da Região de Passo Fundo e Erechim, Rio Grande e Pelotas. A Região de Cruz Alta e Uruguaiana, na Fronteira Oeste, já não possuem mais correspondente até o momento. Muito das sugestões de pauta partem desses correspondentes que estão em contato direto com os produtores e criadores, outras são acompanhadas pelo Campo & Lavoura na capital.

Notícias do dia, como por exemplo, a votação do Código Florestal, assunto que se impõe pela relevância e pelo impacto, assim como outras notícias do campo, safra, qualidade do grão, etc. Sugestões do próprio leitor e do Conselho de leitores, releases de empresas, como a Emater, também são avaliadas e discutidas na reunião de pauta.

Além do complemento que acompanha o Zero Hora todas as sextas-feiras, Campo & Lavoura tem uma sessão que é chamada de “do dia” dentro da editoria de economia todos os dias da semana, com exceção aos domingos. O agronegócio é parte da economia, pois 39% da economia gaúcha é agronegócio. Nesta sessão são avaliados os assuntos de relevância para o dia e pela importância socioeconômica, como por exemplo, o cavalo crioulo, que está cada vez mais ganhando destaque na agropecuária no Rio Grande do Sul.

O Estado é o que mais emprega pessoas neste âmbito e investe, pois o gaúcho se identifica com o cavalo crioulo. Este espaço ocupado na página é conforme a disponibilidade na diagramação. Nestas matérias sempre vem acompanhada de uma análise chamada de “grifo”, pelo apresentador do Programa Campo & Lavoura na RBS TV, Irineu Guarnier Filho. O programa da TV e o impresso são produções independentes uma da outra. Guarnier é denominado como um porta-voz do agronegócio e normalmente o grifo é uma análise relacionada do que está publicado naquela mesma edição. Uma coluna com o título de “Olhar do Campo”.

O Caderno Campo & Lavoura ganhou uma versão online, no qual é reproduzido todo material que é produzido para o impresso. O online está em processo de transformação e fortalecimento. Começa-se a pensar em trazer notícias exclusivas e de igual qualidade também para o site.

O suplemento é analisado, discutido e elaborado de segunda à quarta-feira. Na quarta à noite ele tem que estar pronto para impressão na quinta-feira pela manhã e distribuído na sexta-feira. Por isso o envolvimento com a produção do material para o Caderno é mais

intenso nesses dias, além das reportagens da sessão “do dia”, no corpo do Zero Hora. A redação é, na verdade a parte urbana do Caderno Campo & Lavoura.

4 METODOLOGIA

É possível neste trabalho analisar que a comunicação no meio rural se difere em vários aspectos da comunicação no meio urbano, ainda que o agronegócio envolva assuntos de interesse comum para vários setores da sociedade brasileira: economia, sócio cultural, produção de alimentos, questões relacionadas ao meio ambiente, entre outras. Assim sendo, não apenas buscou-se observar a mediação entre linguagens da ciência e a popular, mas também, a essência da comunicação no meio rural, ponderando assim, o discurso jornalístico.

A metodologia aqui utilizada se volta à verificação de características jornalísticas e dos aspectos da comunicação rural aplicadas no desenvolvimento do Caderno Campo & Lavoura, inserções diárias do Zero Hora e suplementos do Mais Campo na cobertura das culturas de inverno. Como referencial metodológico utiliza-se os autores Laurence Bardin (2000); Silva, Gobbi & Simão (2005) citando Godoy (1995) e Trivinos (1987).

Para tanto, optou-se pela análise de conteúdo, utilizando a linguagem jornalística e atendendo os princípios da comunicação rural, ao mesmo tempo em que informa o sujeito comum que pode estar longe deste universo. Para delinear este mundo de investigação, analisou-se o discurso jornalístico em três Cadernos, seis inserções diárias e dois suplementos selecionados dentro do ciclo das principais culturas de inverno (trigo, cevada, canola e aveia, entre outras).

As reportagens analisadas fazem parte do Zero Hora no período de maio a novembro de 2012, do plantio até a colheita das culturas de inverno. O cultivo se inicia nos meses maio, com a sistematização dos solos até a colheita em novembro. No Rio Grande do Sul, o plantio ocorre do fim de maio até o início de julho. A colheita ocorre no período de outubro a dezembro.

Neste trabalho, analisou-se a cobertura jornalística da cultura do início ao final deste ciclo, utilizando as principais edições entre maio e novembro de 2012, procurando encontrar legitimidades e analisando o procedimento dos repórteres em relação às etapas do cultivo dos cereais na natureza. Deste modo, procurou-se identificar e seguir os valores notícias do agronegócio, a influência econômica, a inclusão de ciência e tecnologia, a culturas de inverno,

influenciadas por fatores da natureza, entre outros fatores.

Assim, este trabalho foi realizado a partir da observação da linguagem empregada na análise dos Cadernos, inserções e suplementos escolhidos, além de buscar explicações sobre a rotina produtiva. Analisou-se a presença de fontes, das fotos, diagramação e gêneros jornalísticos utilizados nos textos.

4.1 Análise de Conteúdo e Discussão do Encarte Campo & Lavoura, Inserções Diárias do Zero Hora e Suplemento Mais Campo

Para este trabalho, a análise de conteúdo mostra a ideologia por detrás da linguagem e a produção de sentido em uma área que envolve sujeitos da tecnologia, do meio rural e do urbano. Figueiredo (2005) citando Barros & Antonio, diz que a noção de discurso é uma consequência da premissa hermenêutica². A interpretação do sentido deve levar em conta que a significação é construída no interior da fala de um determinado sujeito, ou seja, quando um emissor tenta mostrar o mundo para um interlocutor, numa determinada situação, a partir de seu ponto de vista, movido por uma intenção.

Silva, Gobbi & Simão (2005) citando Trivinos, a análise de conteúdo esteve presente desde as primeiras tentativas da humanidade de interpretar os antigos escritos, como as tentativas de decifrar os livros sagrados. No entanto, a análise de conteúdo apenas na década de 20, foi sistematizada como método, devido aos estudos de Leavell sobre a propaganda empregada na primeira guerra mundial, adquirindo dessa forma, o caráter de prática de investigação.

Godoy (1995) citado por Silva, Gobbi & Simão assegura que na sua procedência a análise de conteúdo tem elevado as formas de comunicação oral e escrita, o que não deve eliminar outros meios de comunicação. Qualquer comunicação que atrele um conjunto de significados de um emissor para um receptor pode, em princípio, ser revelada pelas técnicas de análise de conteúdo. Parte da hipótese que por trás do discurso aparente, esconde-se outro sentido que convém desvendar.

Segundo Laurence Bardin (2000), a análise de conteúdo é um conjunto de instrumentos metodológicos que se aplicam a discursos diversificados. O objetivo desse tipo de análise consiste na manipulação de mensagens, para que se possa distinguir mais além do

² Hermenêutica significa a teoria da interpretação, um ramo da filosofia.

que visivelmente está dito no texto.

Bardin (2000, p. 36) citando Berelson, cerca da década de 1980, permanece a ser o ponto de partida para as explicações que todos os aprendizes reclamam. Tendo-a determinado como uma “técnica de investigação que através de uma descrição objetiva, sistemática e quantitativa do conteúdo manifesto das comunicações, tem por finalidade a interpretação destas mesmas comunicações”. Sendo assim, Bardin defende que é apropriado destacar que em vários casos a análise não se restringe ao conteúdo:

A análise de conteúdo pode ser uma análise dos <<significados>> (exemplo: a análise temática), embora possa ser também uma análise dos <<significantes>> (análise léxica, análise dos procedimentos). Por outro lado, o tratamento descritivo constitui um primeiro tempo de procedimento, mas não é exclusivo da análise de conteúdo. Outras disciplinas que se debruçam sobre a linguagem ou sobre a informação, também são descritivas: a lingüística, a semântica, a documentação. No que diz respeito às características *sistemática e objetiva*, sem serem específicas da análise de conteúdo, foram e continuam a ser suficientemente importantes para que se insista nelas (BARDIN, 2000, p. 34).

Para Bardin (2000), a análise de conteúdo de mensagens que deveria ser aplicável a todos os formatos de comunicação possui dois papéis que podem ou não se dissociar quando colocadas em práticas. A primeira diz respeito à função heurística, ou seja, a análise de conteúdo enriquece a tentativa exploratória e aumenta a capacidade à descoberta. A segunda se menciona à supervisão da prova, em que teorias, sob a forma de questões ou de afirmações passageiras servem de diretrizes recorrendo para o método de análise de uma aprovação ou de uma informação.

Correia (2007) citando Bardin, afirma que a análise de conteúdo é dividida em dois tipos: qualitativa e quantitativa. O que caracteriza a análise qualitativa é o que se pode deduzir ou o sentido que se pode atribuir às palavras, aos temas, às personagens etc. Já na análise quantitativa, o que pesa mais na pesquisa é a frequência com que determinados eventos aparecem no discurso. Mas, de acordo com Bardin (2000, p. 115) “a análise qualitativa apresenta certas características particulares”.

É válida, sobretudo, na elaboração das deduções específicas sobre um acontecimento ou uma variável de inferência precisa, e não em inferências gerais. Pode funcionar sobre corpus reduzidos e estabelecer categorias mais discriminantes, visto não estar ligada, enquanto análise quantitativa, a categorias que dêem lugar a frequências suficientemente elevadas, para que os cálculos se tornem possíveis. Levanta problemas ao nível da pertinência dos índices retidos, visto que seleciona estes índices sem tratar exaustivamente todo o conteúdo, existindo o perigo de elementos importantes serem deixados de lado, ou de elementos não significativos serem tidos em conta (BARDIN, 2000, p. 115).

Godoy (1995) citando Bardin apresenta o uso da análise de conteúdo em três fases fundamentais: a pré-análise, exploração do material e tratamento dos resultados. Na primeira fase é instituído um plano de trabalho que deve ser preciso, com artifícios bem definidos, embora maleáveis. A segunda fase consiste na realização das decisões tomadas anteriormente, e finalmente na terceira etapa, o pesquisador apoiado nos resultados brutos procura torná-los significativos e válidos.

Godoy (1995) citado por Silva, Gobbi & Simão a análise de conteúdo sofreu as influências da busca da cientificidade e da objetividade recorrendo a um enfoque quantitativo que lhe conferia um alcance simplesmente descritivo. A análise das mensagens nesta intenção se fazia pelo cálculo de frequências. Essa carência cedeu lugar à análise qualitativa dentro dessa técnica, permitindo a explanação dos dados, pela qual o pesquisador passou a compreender características, mecanismos e/ou modelos que estão por trás das mensagens levadas em consideração.

Segundo Bardin (2000), diante do explanado pode-se afirmar que a análise de conteúdo é um procedimento que pode ser aplicado tanto na pesquisa quantitativa como na investigação qualitativa, mas, com aproveitamentos diferentes. Sendo que na primeira, o que serve de conhecimento é a frequência com que surgem certas peculiaridades do conteúdo. Enquanto na segunda é a presença ou a ausência de uma dada característica de conteúdo ou de um conjugado de características num apurado fragmento de mensagem que é levado em consideração.

4.2 As Reportagens

Neste item faz-se a análise de conteúdo das reportagens das principais culturas de inverno (trigo, cevada, canola e aveia) como já mencionado na metodologia, quanto a

verificação da linguagem jornalística, situação de época, fontes e recursos utilizados, atendendo os princípios da comunicação rural.

A análise será feita na seguinte ordem: primeiramente será feito uma análise de três Cadernos do Campo & Lavoura; em seguida serão analisados dois suplementos do Mais Campo e por último, seis inserções diárias nas páginas de economia do jornal Zero Hora. As análises foram feitas em conjunto e por item, verificou-se que era desnecessário fazê-las separadamente, pois a linha de abordagem e o foco permanecem o mesmo, o que tornaria a pesquisa repetitiva.

4.2.1 Caderno Campo & Lavoura

O Caderno de agronegócio **Campo & Lavoura** tem uma linha editorial que procura, de uma maneira geral, fazer referência a todas as regiões do Rio Grande do Sul, sempre apresentando assuntos dos mais diversos municípios gaúchos. No caso das culturas de inverno, a Região Norte e Noroeste foram mencionadas. As três edições aqui analisadas fazem parte destas regiões.

Canola e cevada ganharam destaque em duas das edições, enquanto que o trigo foi mencionado apenas em uma, em época de colheita, no qual, os prejuízos causados pela geada e chuvas fortes devastaram as lavouras.

Como pode se observar no anexo 1, a cevada e a canola ganharam ênfase, tanto que o assunto foi capa. O texto é de Leandro Becker, repórter com conhecimento na área rural, que na maioria das vezes cobria assuntos relacionados à estiagem nesta região. O texto apresenta expectativas para a safra de inverno, como aposta para recuperar as perdas com a safra de verão, devido ao fortalecimento da BSBios e a demanda forte da maltaria Ambev que se instalou em Passo Fundo. O texto mostrará que a produtividade de cevada e canola vão aumentar.

No anexo 2 o texto é da repórter Fernanda Costa que exhibe a motivação da expansão da canola pelo preço em alta. Em todos os anexos há utilização de fontes. Estes são produtores, técnicos e empresas compradoras dos cereais. Porém, percebeu-se que no anexo 1 e 2 os produtores que validam como fontes são irmãos e a lavoura de produção da canola é a mesma. Bem como a foto nos anexos é do mesmo fotógrafo, Diogo Zanatta. De 30 hectares cultivados em 2011 a área ampliada passou para 70 hectares.

No anexo 1 o texto explica ao leitor comum que a época é de plantio e no anexo 2 que a área cultivada foi ampliada e a venda já está garantida para a produção de biocombustível, é época de colheita. O mesmo acontece com a cevada, depois de uma safra de verão ruim, a aposta é nos cereais de inverno com incentivo e renda. Nota-se que, desde o início dos textos, os anseios dos agricultores é a valorização do produto.

Já no anexo 3, reportagem também de Fernanda Costa e foto de Diogo Zanatta, a expectativa de que a colheita de trigo iria ser farta, mudou completamente o cenário. A geada e a chuva forte atingiram as plantas na fase final de maturação. A cevada e a canola também sofreram com os efeitos do clima. A qualidade da cevada colhida foi ruim e não será aceita pela maltaria, o que terá de ser destinada a alimentação animal. A tecnologia de ponta usada para o trigo, com alto custo de produção, foi perdida por causa do clima. A produtividade da safra teve redução de pelo menos 10%. Nota-se que o texto explica para o leitor sobre os impactos da desvalorização e a frustração no investimento do agricultor em tecnologia.

Neste sentido Bordenave (1983) diz que tecnologia é o conhecimento de como usar os recursos, isto é, os materiais naturais, criados e humanos, a partir dos quais os bens e serviços são produzidos. O autor ainda afirma que tecnologia agrícola, então, não são as sementes, máquinas ou adubos, mas o conhecimento de seu uso correto num sistema de produção determinado. (p. 47 - 48)

O anexo 3 aponta, no rodapé inferior direito, para acompanhar um vídeo que está disponível em zerohora.com, de relatos dos produtores a extensão de estragos em suas lavouras de trigo e milho.

As reportagens do Caderno Campo & Lavoura não contém informações sobre semeadura das culturas de inverno, técnicas de manejo ou conhecimentos alternativos que os agricultores estão necessitando. Essas informações estão num suplemento que acompanharam em três edições o Caderno, denominado como Mais Campo, no qual será analisado no próximo item.

O Caderno Campo & Lavoura apresenta em todas as edições analisadas uma linguagem simples e de fácil compreensão para o leitor urbano que pode estar distante do universo do campo e também para o produtor. De acordo com Anabela Gradim (2000) a escrita jornalística deve primar pela simplicidade, sem abdicar da originalidade. Simplicidade porque um dos objectivos de quem informa é, necessariamente, atingir a faixa mais alargada de público e assim, idealmente, seria desejável que um mesmo texto pudesse ser lido por um cientista e um pescador, e ficassem igualmente bem informados.

No que se refere ao uso de imagens, percebeu-se que o Campo & Lavoura procura utilizar fotografias de seus entrevistados tanto em reportagens quanto em notícias. A valorização de imagens é muito grande nas páginas do Caderno, sendo que todas as reportagens possuem pelo menos uma imagem. Os agricultores aparecem nas fotos bem vestidos, nas lavouras com produtos que cultivam. O agricultor que trabalha com a enxada e que chega sujo e cansado em casa não foi retratado nas imagens do Caderno de agronegócio. Somente no anexo 1 a foto é do produto em início de crescimento sem a presença do produtor. Os agricultores que aparecem nas imagens são tidos como fontes de informação para construção do texto jornalístico.

No anexo 1 e 3 o texto traz como fonte, além de agricultores traz também engenheiros agrônomos da EMATER (Empresa de Assistência Técnica e Extensão Rural) e da Conab (Companhia Nacional de Abastecimento). Neste caso pode observar-se o que diz Figueiredo (2011) citando Oliveira, ao discorrer sobre a neutralidade das fontes: “fonte isenta de interesses ou a divergência de opiniões” (p. 39).

Observou-se que a busca por representar a opinião do próprio produtor rural é maior do que de proporcionar as sugestões e opinião das fontes oficiais. Claro que em casos particulares é indispensável a voz oficial, porém, o objetivo maior é mostrar a vida e as ideias dos agricultores bem sucedidos, mesmo estes não sendo a imagem constante da maioria dos produtores rurais do Norte e Noroeste do estado (Região que o Caderno cita nas culturas de inverno), que são pequenos proprietários de terra.

Pode-se perceber que os Cadernos em duas reportagens, anexo 1 e anexo 2, dão ênfase à safra de canola e cevada e que a perspectiva é de que neste ano os produtores irão colher grão com qualidade. O texto nos faz entender que o incentivo das empresas na compra dos cereais é o que anima o agricultor. O texto não enfatiza a possibilidade de redução na produtividade. Foi o que aconteceu no texto de Anexo 3 em que as lavouras foram afetadas pelo clima. Fica claro que nem o agricultor e nem o comprador esperavam uma mudança climática. Porém, o texto só destaca as perdas e os prejuízos na agricultura, como segundo consta nos anexos 1 e 2, o agricultor de Não-Me-Toque que perdeu 96% da lavoura de trigo e acumula prejuízos na cevada, ou seja, só enfatiza a desgraça.

Pode-se afirmar que o Caderno Campo & Lavoura em se tratando de culturas de inverno, mencionou a Região Norte, onde se encontra a maior área produtora de trigo no Estado. Ijuí no Noroeste, foi mencionado apenas no anexo 3 pelas perdas no trigo. Os agricultores que serviram de fontes são grandes proprietários de terras, que cultivam em

grandes extensões. Municípios menores das microrregiões não foram inseridos no Caderno Campo & Lavoura.

O que as reportagens apresentaram foram as situações de grande parte das lavouras nesta Região. Se analisadas com anos anteriores em época de safra, as expectativas são apresentadas com bons resultados futuros, mas devido às condições climáticas, seja a falta de água no plantio ou excesso na maturação das plantas, o agricultor sempre perde muita ou pouca porcentagem de sua produção.

4.2.2 Suplemento Mais Campo

O suplemento Mais Campo é voltado para a tecnologia no campo. Este suplemento acompanhou três edições do Caderno Campo & Lavoura, sendo que dos três, dois serão analisados por se voltar as culturas de inverno, em especial o trigo.

A primeira edição, anexo 4, o tema é Gestão Rural. Trata-se do manejo do solo, cuidados na hora do plantio, tecnologia e investimento no solo para garantir uma boa produção e plantio direto. Esta edição apresenta três reportagens, uma nota, duas notícias e três fotos.

A primeira reportagem com foto e texto de Roberto Wintter, explica que a principal tarefa do agricultor é driblar a seca com manejo correto do solo, descompactação da terra³ e cobertura eficiente da palhada⁴. Esta edição é de 25 de maio de 2012, época em o plantio das culturas de inverno iniciam no Rio Grande do Sul e que a agricultura ainda sentia os efeitos da seca passada. O texto apresenta o agricultor e técnicos de empresas que prestam assistências como fontes.

A segunda reportagem do mesmo anexo, texto de Leandro Becker e foto de Diogo Zanatta, fala sobre as pesquisas desenvolvidas em laboratório e aplicadas no campo. O texto trata sobre a qualidade de produção do grão. A preocupação maior é com o trigo, principal cultura de inverno do Rio Grande do Sul, devido aos efeitos da seca.

O texto ainda orienta que o agricultor deve investir em tecnologia no solo, pois é uma garantia de tranquilidade e aumentar a produtividade, já que a partir de 1º de julho deste ano, a nova instrução normativa exige mais qualidade no grão. A reportagem apresenta três fontes,

³ Descompactação é a pratica agrícola de romper as camadas adensadas nas regiões sub superficiais do solo causadas por movimento intenso de maquinas nos processos de plantio, pulverização e colheita.

⁴ Palhada são os restos da cultura anterior que fica sobre a superfície do solo.

sendo um agricultor, um técnico e uma pesquisadora. Conforme o texto pode se perceber que há intensa pesquisa sobre qualidade do grão e que as indústrias e até mesmo o consumidor está mais exigente. O agricultor sempre sofre com os efeitos climáticos e por muitas vezes perde o que plantou.

Na terceira reportagem, texto de Marielise Ferreira e foto de Diogo Zanatta, o assunto é sobre plantio direto. O texto utiliza como fonte dois técnicos de empresas de pesquisa e faz ênfase a importância de seguir a risca as técnicas do plantio direto. O Rio Grande do Sul é pioneiro na adoção da técnica ainda na década de 1970. Em 1992 a área de lavouras que utilizava o sistema era de 4% e a estimativa para 2012 é de que 90% da área da lavoura já tenham adotado a técnica. O título da reportagem “Só funciona bem do jeito certo”, faz compreender que o texto explanará a técnica do plantio direto e que de nada adianta as recomendações de engenheiros agrônomos e técnicos se não aplicadas da maneira correta.

Nas fotos do anexo 4 em todas elas aparece o agricultor utilizado como fonte, o pesquisador e o produto na lavoura a que cada texto fala. Cada foto possui uma legenda para identificar a imagem. Neste sentido pode-se afirmar que a fotografia e legenda complementam a informação do texto. Milton Guran (1992, p. 57) pensa da mesma forma: “A relação fotográfica com o texto é explicitada a partir da legenda, ou do texto-legenda. É através do recurso (legenda) que o leitor pode observar detalhes que poderiam passar despercebido”. Enfim, foto, legenda e texto são essenciais dentro da notícia jornalística, no veículo impresso, porque todos embasam o leitor e deixam-no por dentro dos fatos que o rodeiam, sejam eles próximos ou distantes.

As notícias do anexo 4 estão separadas em box. Essas notícias utilizam técnicos como fonte e abordam sugestões de cuidados com o solo e com a germinação das plantas, e ainda, benefícios futuros se manejados corretamente.

A nota, diagramada em box também, complementa a reportagem 3 sobre plantio direto. Apresenta benefícios da aplicação desse sistema como a produtividade, consumo de combustível em máquinas utilizadas na lavoura e na qualidade de vida do produtor.

O suplemento Mais campo possui quatro páginas. No anexo 4, três das páginas abordavam sobre as culturas de inverno, portanto na diagramação das páginas centrais foi utilizada página espelhada, além de box, fotos e um rodapé na terceira página com dica de leitura para o produtor de trigo. Na capa, foi utilizado uma foto maior, além de um Box no meio da reportagem e um olho, no qual é a opinião de uma das fontes.

O anexo 5 é a terceira edição do Mais Campo publicada, que acompanhou o Caderno Zero Hora no dia 08 de junho de 2012. O suplemento aborda o assunto sobre inovação

tecnológica no campo. Esta edição apresenta apenas uma reportagem de capa relacionada ao trigo.

Reportagem de Loraine Luz e foto de Diogo Zanatta, o texto apresenta inovação em máquinas informatizadas no campo. A repórter utilizou como fonte, o mesmo produtor da segunda reportagem do anexo 4. Nota-se que com os avanços no campo as perspectivas futuras é de que o trabalhador rural precisará de no mínimo o ensino médio para lidar com as novas tecnologias.

O texto apresenta ainda a visão do agricultor no uso das tecnologias para sua produção. Um investimento puxa o outro, mantém vivo o negócio. Nota-se que a impressão de que o homem do campo é atrasado em relação às novas tecnologias e é um ser desconfiado por natureza, está com dias contados. O agricultor em nada se diferencia com o homem urbano, pois no campo encontramos desde analfabetos a doutores e engenheiros. Porém, faz-se o uso de investimento em tecnologia geralmente os grandes proprietários de terra. Para o pequeno agricultor o custo é muito alto.

Além do agricultor a reportagem utiliza a opinião de um especialista como fonte, em box ao lado do texto. O especialista afirma que a oferta em máquinas informatizadas é fantástica, mas o maior desafio é a mão de obra, que sem qualificação ideal, não tira proveito tudo que pode dessas máquinas.

A foto que ilustra a reportagem tem o mesmo ângulo e a mesma posição da primeira do anexo 4. O agricultor agachado em meio a lavoura do produto que cultiva. No caso do anexo 5, tem uma máquina de fundo, pois se trata de tecnologia no campo.

Conclui-se que o suplemento Mais Campo é direcionado ao agricultor. A linguagem é simples, mas apresenta termos que somente o produtor ou quem é da área conhece e sabe o que significa. Enquanto que o Caderno Campo e Lavoura informa o leitor comum, o suplemento Mais Campo se direciona ao produtor rural no que há de novidade no campo. As regiões citadas também foram Norte e Noroeste, onde o cultivar das culturas de inverno é maior.

4.2.3 Inserções diárias do Campo & Lavoura no jornal Zero Hora

Além do Caderno Campo & Lavoura semanal, o jornal Zero Hora possui inserções diárias na editoria de economia. Estas inserções geralmente vêm acompanhadas pelo grifo de Irineu Guarnier Filho, como já citado no capítulo anterior.

Foram analisadas seis inserções no que se refere às culturas de inverno, do período de maio até novembro de 2012. Em todas as inserções, a atenção maior é o trigo, por ser a principal cultura de inverno.

O anexo 6 faz uma divulgação de valores liberados pelo governo no Plano Safra para 2012. O valor liberado somente para o trigo é de R\$ 3 bilhões, uma ampliação de crédito 14% maior em relação ao ciclo anterior de 2011. O texto traz como fonte, o Ministro da Agricultura, Mendes Ribeiro. No grifo, Guarnier faz ênfase ao chamado grão duro, importado da Argentina, que ainda é preferido das panificadoras, pois esse contém mais glúten. O anexo não apresenta foto referente ao tema.

Já no anexo 7, ao contrário do anterior, o texto diz que o Plano Safra para as culturas de inverno trouxe pouco benefício ao Estado. A fonte é um agricultor que fala ter plantado a mesma quantia de hectares de trigo que o ano anterior, e que se soubesse antes dos incentivos, poderia ter ampliado a área. Aqui pode-se perceber que houve falha na comunicação entre o governo e o produtor. As fontes usadas no texto, além do agricultor foram duas entidades do setor, que afirmam que as medidas chegaram tarde e que o reajuste de preço mínimo do cereal (trigo) são insuficientes e restritas. O anexo mostra foto do agricultor em sua lavoura, apoiado no maquinário. O grifo desta vez, aborda outro assunto de relevância, mas não relacionadas ao tema.

No anexo 8 o texto jornalístico apresenta os bons resultados da safra de trigo e aveia, referente a valores acumulados, devido a estiagem e ao clima favorável do momento. O texto utiliza-se de três fontes especializadas no assunto, como agrônomos e analistas de mercado. A reportagem faz um panorama da situação atual, conforme a data de 16 de agosto de 2012, das principais culturas de inverno (aveia, canola, cevada e trigo) e junto apresenta uma foto da produção de aveia. O grifo destaca a importação do arroz e a farinha de trigo nos países do Mercosul.

O texto no anexo 9 faz uma comparação da área plantada de trigo no Rio Grande do Sul e no Paraná. O anexo ainda apresenta dados em box, do duelo desses Estados sobre as áreas plantadas e produção referente a safra de 2011 e 2012. Três fontes foram utilizadas para

construção o texto jornalístico. O grifo enfatiza que os gaúchos voltaram ao topo de maior produtor nacional do grão. O anexo não apresenta foto.

Já no anexo 10, a matéria principal é a soja e o grifo é respectivo a cultura de verão. Em uma nota no informe rural, abaixo do grifo, o trigo é apenas mencionado pela queda de 10% na produtividade, devido ao granizo e geada. O texto apresenta a Emater como fonte e há foto.

E por fim, no anexo 11, o texto apresenta a situação atual da safra de trigo. Com a safra ruim, a farinha aumentou e pressionou o preço do pão. As quatro fontes que constroem o texto jornalístico, são de empresas de pesquisas e sindicatos referentes ao setor, bem como releases da Emater. A imagem está representada em infográfico, que faz uma projeção do trigo no Rio Grande do Sul, Brasil e no Mercosul de 2011 e 2012.

A produção do Mercosul é de 20% inferior a de 2011. O anexo 10 destaca em negrito, ao lado do texto, informações para as crianças leitoras, também entenderem o porquê a bolachinha recheada que eles gostam tanto, vai ficar mais cara. As crianças também são leitores de jornal. O grifo faz uma breve abordagem do porque o trigo ainda é o cereal mais importante das culturas de inverno no Rio Grande do Sul.

Em sua última inserção diária sobre o trigo, no dia 23 de novembro de 2012, cuja edição não consta em anexo, uma nota curtíssima de duas linhas foi divulgada pela Emater, da atual situação do cereal. O trigo terá 23,26% de redução na produção gaúcha em relação à estimativa inicial.

Perante a análise, contata-se que as inserções diárias do Campo & Lavoura no jornal Zero Hora seguem a mesma linha de abordagem do Caderno. Nestas inserções trata-se do assunto atual, do que acontece no momento, como por exemplo, a situação da safra das culturas de inverno, foco deste trabalho. Em todos os textos, com exceção do anexo 10, iniciam com um parágrafo destacado, onde se pode observar a presença do lead.

A linguagem é única e adequada tanto para o leitor comum urbano, quanto para o produtor e o cientista. Neste sentido, Ferreira & Silva (2012) diz que textos simples e completos facilitam o entendimento de produtores rurais e empresários do agronegócio brasileiro, como também esclarecem dúvidas dos futuros negociadores e de curiosos em obter novos conhecimentos sobre o assunto.

No que se refere às fotos, pode-se observar que são semelhantes se comparadas com o Caderno Campo & Lavoura e suplemento Mais Campo, bem como em inserções tratando de outros assuntos. A posição e enquadramento são comuns entre a maioria das fotos, mesmo não sendo do mesmo fotógrafo.

O espaço destinado para o agronegócio no jornal Zero Hora é pouco se comparado com a abrangência e influência econômica que tem no Rio Grande do Sul e em todo Brasil. Para Ferreira & Silva (2012) o jornalismo rural cresceu e aprimorou suas técnicas. Mais do que ocupar, hoje, um espaço repleto de oportunidades em vários meios de comunicação, visa principalmente atualizar o produtor rural e o leitor em geral da importância deste setor para o rumo econômico e social do país. Não somente o Zero Hora, mas outros veículos de comunicação precisam ou pelo menos deveriam abranger mais o setor agrícola, um campo vasto, mas com poucos jornalistas especializados.

Neste sentido Daiane Zílio Colla (2005, p.3), diz que a comunicação rural tem o papel de além de informar, formar os cidadãos, pois, atingido o objetivo de informar, pode-se também formar opinião. O jornalismo tem esse poder. Percebe-se que todas as alternativas utilizadas pelos produtores no estado atualmente, por exemplo, a adoção de transgênicos, do sistema de plantio direto, a introdução de novos processos produtivos e de novos investimentos para o desenvolvimento em regiões distintas do estado e do país, está ligada às veiculações desses conhecimentos em meios, como o Caderno Campo & Lavoura, que tem uma audiência diversificada não só no aspecto socioeconômico, mas também nas mais diversas atividades praticadas em diferentes lugares. O Caderno Campo & Lavoura atinge a todos e em toda parte.

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Chegando ao final desta pesquisa de conteúdo sobre a análise das culturas de inverno no Jornal Zero Hora em 2012, pode-se depreender que o caderno de agronegócio destina um espaço muito pequeno às informações que correspondem às culturas, sendo o trigo o cereal mais cultivado no Rio Grande do Sul e, devido ao crescimento das lavouras de canola e cevada, na Região Norte e Noroeste do Estado.

Antes disso, pode-se dizer que o jornalismo especializado tem movimentado o mercado da comunicação e procurado, cada vez mais, profissionais capacitados que transmitam informação de uma maneira clara e objetiva, tanto para um público que se interessa por um tema definido, quanto para o público em geral.

A comunicação serve como um orientador do ser humano que através dos meios de comunicação expõe e personaliza suas ideias. Assim, a comunicação rural, além de manter relações sociais, tem um elemento específico, transformador da linguagem, estipulador dos assuntos que é a agricultura.

Na cobertura em agronegócio, para agregar valores à notícia, a elaboração das matérias parte do intuito de que o agricultor, ou a etapa em que o agricultor está vivendo na agricultura constituam as notícias. Por outro lado, as reportagens informam o leitor comum, pois este muitas vezes depende do agronegócio não apenas como produção de alimentos, mas como fator importante na economia e no desenvolvimento. Bueno (2008) diz que o jornalismo em ciência deve sempre partir do pressuposto de que o leitor é leigo.

O meio rural aparece como refém da possibilidade de acesso às TICs e do sonhado mundo sem fronteiras. É essencial que as informações disponíveis levem em consideração os saberes locais e que os agricultores não sejam vistos como meros receptores, mas também como parte atuante, atores essenciais que devem integrar a Sociedade da Informação.

A parceria entre a agricultura e os serviços de assessorias técnicas de cooperativas, Emater ou privadas, é uma característica encontrada na análise. Dentro dessa articulação o conhecimento técnico é transformado em um discurso jornalístico, pois alguns sentidos são

produzidos através de um sistema de ideias rurais, utilizando um agricultor como fonte.

Existem desentendimentos entre indústria, governo e produtor. A inserção da mídia na agricultura, cada vez mais, pode ser importante para que esses diferentes setores busquem na comunicação uma maneira para se aproximarem.

Nas 11 edições em que as culturas de inverno foram citadas, o jornal Zero Hora publicou um número maior de notícias do que reportagens. De acordo com Lage (2006), a notícia segue a ordem de importância do fato e a temporalidade dele, enquanto que a reportagem possibilita uma abordagem mais detalhada, uma escrita mais indireta do que a notícia.

Tanto no Caderno Campo & Lavoura, quanto no suplemento Mais Campo e nas inserções diárias, mostraram o agricultor bem-sucedido, as fotografias publicadas junto às matérias representaram o agricultor com boa vestimenta, socialmente apresentável, em sua propriedade de terra ao lado de seu maquinário. O pequeno agricultor, que ainda tem na enxada seu trabalho, não foi mostrado ao longo de 2012, nas edições analisadas.

O conteúdo ligado às culturas de inverno teve como fontes pessoas ligadas a instituições de ensino, pesquisa e extensão, como as universidades e as empresas de pesquisa. Aqui vemos que se, por um lado, certo perfil de agricultor é deixado de fora da proposta do caderno, por outro, a presença de produtores rurais como fonte é uma constante. Superando um antigo problema do jornalismo rural que é dar voz especialmente para fontes oficiais da área, como presidentes de sindicatos, cooperativas, agrônomos, etc. Assim, embora os centros de pesquisa tenham espaço, por exemplo, eles não dominam o conteúdo noticioso sobre o campo.

Ao ler todas as reportagens e notícias na abordagem das culturas de inverno no jornal Zero Hora, conclui-se que o Caderno Campo & Lavoura e as inserções diárias, oferecem uma linguagem simples e adequada para todos os públicos. Enquanto que o suplemento Mais Campo é direcionado ao produtor, por utilizar termos mais complexos, apenas de conhecimento de quem trabalha com o campo ou está ligado a esta área.

Por fim, considerando todos esses pontos, acredito que não podemos dizer o Caderno Campo & Lavoura do jornal Zero Hora fez uma abordagem ruim das culturas de inverno. Apenas deveria ter inserido mais o tema em suas edições e ampliado o espaço, em média foram publicados uma matéria ao mês, durante maio até novembro de 2012, até por que, para os agricultores, esta é uma das únicas opções econômicas para explorar neste período do ano. Entretanto mostra com mais evidência apenas o lado da agricultura forte: o médio/grande produtor rural. A grande massa de agricultores da Região Norte e Noroeste, no qual se

centraliza a maior produção dessas culturas, que precisa produzir para seu sustento, não tem espaço nas páginas do caderno em agronegócio.

REFERÊNCIAS

ALBARELLO, Tiago Marcelo; WEBER, Andrea. **Análise inserção da Região Noroeste do estado do Rio Grande do Sul no caderno Campo & Lavoura do jornal Zero Hora**. 2010. Disponível em: [<http://decom.cesnors.ufsm.br/tcc/files/2010/10/tiago.pdf>]. Acesso em 15 de setembro de 2012.

ARAÚJO, Ney Bittencourt de. **O Complexo Agro-industrial e a Comunicação: Perspectivas Futuras**. In: I Seminário de Comunicação Rural Perspectivas Atuais e Futuras na UFV, Viçosa. Minas Gerais, 1994.

BORDENAVE, J.E.D. **O que é Comunicação Rural**. São Paulo: Brasiliense, 1983.

BORDERNAVE, Juan E. Diaz. **Além dos meios e mensagens: Introdução à comunicação como processo, tecnologia, sistema e ciência**. 7ª ed. Petrópolis, Vozes, 1995.

BORGATO, Sérgio. **Comunicação rural para uma nova era: experiência do canal do boi no uso de novas tecnologias em telecomunicações, a serviço do homem do campo**. Campo Grande, MS: Ed. da UCDB, 2001.

BRAGA, Geraldo M.; CARVALHO, Geraldo Bueno de. **O Futuro da Comunicação Rural**. In: Revista de Ciências Humanas. Florianópolis e Taubaté - UNITAU, v. 6, n.1, 2000. Disponível em: [www.economia.esalq.usp.br/intranet/uploadfiles/227.pdf]. Acesso em 14 de setembro de 2012.

BUENO, Wilson da Costa. **Jornalismo, agronegócio e crises plantadas**. 2009. Disponível em: [<http://www.24horasnews.com.br/evc/index.php?mat=2275>]. Acesso em 05 de outubro de 2012.

BUENO, Wilson da Costa. **As muitas faces do agronegócio**. 2011. Disponível em: [<http://www.blogdowilson.com.br>]. Acesso em 10 de outubro de 2012.

BUENO, Wilson da Costa. **Jornalismo, agronegócio e insustentabilidade**. 2008. Disponível em: [<http://www.blogdowilson.com.br>]. Acesso em 10 de outubro de 2012.

BUENO, Wilson da Costa. **Mídia, agronegócio e insustentabilidade**. 2008. Disponível em: [http://www.comunicacaorural.com.br/comunicacaorural/artigos/jornalismo_agrobusiness/artigo4.php]. Acesso em 05 de outubro de 2012.

CAPORAL, F. R. **A Extensão Rural e os Limites à Prática dos Extensionistas do Serviço Público**. Santa Maria, RS: UFSM, 1991.

COLLA, Daiane Zilio. **Comunicação Rural para o desenvolvimento o caso Caderno Campo & Lavoura do Jornal Zero Hora**. Trabalho de Conclusão do Curso. UPF. 2005

FERREIRA, Lenise Conceição Alves; SILVA, Ana Carolina de Araújo. **Jornalismo no Agronegócio: o campo em notícia**. In: XVII Congresso de Ciências da Comunicação na Região Sudeste. Ouro Preto, MG. 2012

FIGUEIREDO, Marcelo P.. **O Jornalismo Científico e a Comunicação Rural na cobertura do Agronegócio**. 2011. Universidade de Santa Maria - RS. Disponível em: Disponível em: [<http://lapeccor.files.wordpress.com/2011/04/jornalismo-em-agronegc3b3cios-2.pdf>]. Acesso em 28 de agosto de 2012.

FREIRE, P. **Extensão ou Comunicação?** Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1983

GRADIM, Anabela. **Manual do Jornalismo**. In: Estudos em Comunicação. Universidade da Beira Interior. Lisboa. 2000. Disponível em: [<http://bocc.ubi.pt/pag/gradim-anabela-manual-jornalismo-5.html>]. Acesso em 19 de novembro de 2012.

GRAZIANO, José. **O Novo Rural Brasileiro**. Publicado na revista Nova Economia. Belo Horizonte. 1997

GURAN, Milton. **Linguagem fotográfica e informação**. Rio de Janeiro. Rio Fundo Editora. 1992. Disponível em: [books.google.com]. Acesso em 21 de novembro de 2012.

IZIQUÉ, Claudia. O novo rural brasileiro. 2000. Disponível em: [<http://www.revistapesquisa.fapesp.br/?art=918&bd=1&pg=1&lg=>]. Acesso em 23 de setembro de 2012.

KUNSCH, M. M. K. Apresentação. In: BRAGA G. M., KUNSCH, M. M. K. **Comunicação rural discurso e prática**. Viçosa. Imprensa Universitária, 1993.

LAGE, Nilson. **Estrutura da Notícia**. Editora Ática, série princípios, 2005.

LAGE, Nilson. **Linguagem Jornalística**. Editora Ática, série princípios, 2006.

MELO, José Marques de. **Jornalismo Opinativo**. 3ª ed. Campos do Jordão: Mantiqueira, 2003.

NETO Miguel de Castro. **Uso das tecnologias de informação e comunicação nas iniciativas de desenvolvimento local em meio rural**. 2000. Disponível em: [http://www.leader.pt/sem_apresent/apres_m_netto.pdf]. Acesso em 29 de outubro de 2012.

OLIVEIRA, Luiz Carlos Ferreira de Souza. **Comunicação e Marketing Rural: A comunicação mercadológica porteiiras afora**. . In: I Seminário de Comunicação Rural Perspectivas Atuais e Futuras na UFV, Viçosa. Minas Gerais, 1994.

OLIVEIRA, R. S. O. **Comunicação, Marketing e Turismo no Meio Rural**. Santa Cruz do Sul, RS: FACOS UFSM. 2005.

PIPPI, Joseline. **Ciência, tecnologia e inovação: Interdiscursividade jornalística, reformulação discursiva e heterogeneidades**. Santa Maria, RS. Dissertação, 2005.

SCHMITT, Wilson. **Extensão Rural**. Passo Fundo, UPF. 1991

SILVA, Cristiane Rocha, GOBBI, Beatriz Christo, SIMÃO Ana Adalgisa. **O uso da análise de conteúdo como uma ferramenta para a pesquisa qualitativa: descrição e aplicação do método**. In: Organização Rural Agroindustrial. Lavras, v. 7, n. 1, p. 70-81, 2005. Disponível em: [revista.dae.ufla.br/index.php/ora/article/download/210/207]. Acesso em 21 de novembro de 2012.

SILVEIRA, A. C. M. da. **Sociedade da informação: TICs e o combate à exclusão digital no meio rural do Brasil**. In: SILVEIRA, A. M. C. da. (Org.). Divulgação científica e tecnologias de informação e comunicação. Santa Maria, RS: UFSM-Facos, 2003.

SOUSA, Jorge Pedro. **Teorias da Notícia e do Jornalismo**. Chapecó, SC. Argos editora, 2002.

SOUZA, Renato. **Comunicação Rural On-line: Promessa de um mundo sem fronteiras**. 1999. Disponível in: [http://www.sober.org.br/palestra/9/672.pdf]. Acesso em 01 de outubro de 2012.

TEIXEIRA, E. C. 1988. **Comunicação e Política Agrícola**. In: Seminário de Comunicação Rural na UFV, Viçosa: 1988.
Disponível em: [http://wp.ufpel.edu.br/seminariozootecnia/files/2011/10/futurocomunicacao-N21999.pdf]. Acesso em 04 de outubro de 2011.

THORNTON, R. (Ed.). **A extensão rural em debate – concepções, retrospectivas, mudanças e estratégias para o Mercosul**. Buenos Aires: INTA, 2003. Disponível in: [http://www.sober.org.br/palestra/9/672.pdf]. Acesso em 05 de outubro de 2012.

VIERO, V.C.; SILVEIRA, A. C. M. **Apropriação de tecnologias de informação e comunicação no meio rural brasileiro**. In: Cadernos de Ciência & Tecnologia, Brasília, v. 28, n. 1, p. 257-277, jan./abr. 2011

VIERO, Verônica Crestani; SOUZA, Renato. **Comunicação rural on-line: promessa de um mundo sem fronteira. Estudo de caso do modelo de monitoramento agrícola do Sistema Irrigação da Universidade Federal de Santa Maria**. Disponível em: [http://www.sober.org.br/palestra/9/672.pdf]. Acesso em 05 de outubro de 2012.

ZAMBONI, Lilian Márcia Simões. **Cientistas, jornalistas e a divulgação científica: subjetividade e heterogeneidade no discurso da divulgação científica**. Campinas, SP: FAPESP, 2001.

ZILLI, Franciele. **Jornalismo e meio ambiente: Análise da cobertura dada pelo jornal zero hora ao tornado que atingiu as cidades gaúchas de Tabai e Triunfo**. Trabalho de Conclusão do Curso. UPF. 2008

SITES ACESSADOS

AGROLINK

PORTAL DO AGRONEGÓCIO

PORTAL DIA DE CAMPO

PORTAL DO JORNALISMO CIENTÍFICO

ANEXO 1 – CEVADA E CANOLA PARA AQUECER O FRIO. 25/05/2012



CAMPO & LAVOURA



FALE COM

ZH

(51) 3218-4709

campo@zerohora.com.br Editora: Gisele Loeblein (interina)

PORTO ALEGRE, SEXTA-FEIRA, 25 DE MAIO DE 2012 Nº 1.426

Cevada e canola

para aquecer a safra do frio

Aposta de produtores do norte do Estado, cereais terão áreas até 30% maiores

LEANDRO BECKER

Passo Fundo

A safra de inverno se tornou a principal aposta para recuperar as perdas do verão. E diante do fortalecimento da indústria, com a crescente demanda da BSBios e da nova maltaria da Ambev, canola e cevada despontam como vedetes da estação.

Neste ano, a canola ocupará 70 hectares, 40% a mais do que no ano passado, na lavoura de Marcelo Venzon, em **Passo Fundo**. O futuro da produção está traçado: venda integral para a BSBios. Como a canola tem preço semelhante ao da soja, o sorriso vem fácil enquanto as primeiras plantas começam a nascer.

– O preço bom motiva, ainda mais com venda garantida – observa.

De olho no processamento da canola, a BSBios reforçou a política comercial e aumentou o suporte técnico para qualificar a produção no Norte. Ao driblar a resistência a um manejo que requer cuidados especiais, a indústria espera que a canola deixe de ser vista como

alternativa para se consolidar como ciclo regular. A receita vem dando certo: a previsão da Emater é de que a área cultivada cresça 30%.

A Ambev também incentiva o plantio no ciclo de inverno, mas com foco na cevada. Com início das operações previsto para o segundo semestre, a nova maltaria da empresa processará 110 mil toneladas de malte por ano.

– Estimamos um aumento entre 18% e 20% na produção – afirma Marcelo Otto, diretor agroindustrial da Ambev.

Animado com a perspectiva de valorização da cevada, o agricultor Francisco Anesi, 58 anos, de **Marau**, no Norte, retomou o cultivo após oito anos. Plantará 20 hectares com a esperança de garantir mais renda, depois de uma safra de soja ruim, com quebra de 40%.

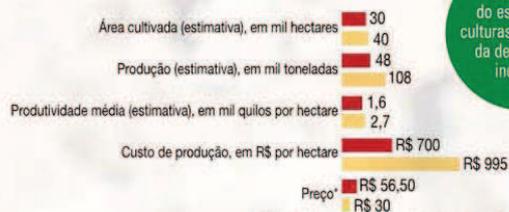
O engenheiro agrônomo da Emater em Passo Fundo Cláudio Dóro reitera que o trigo segue em alta, mas aponta o bom retrospecto nas safras e a valorização industrial como motivos para o avanço da canola e da cevada:

–A liquidez atrai o produtor.

leandro.becker@zerohora.com.br

Na balança

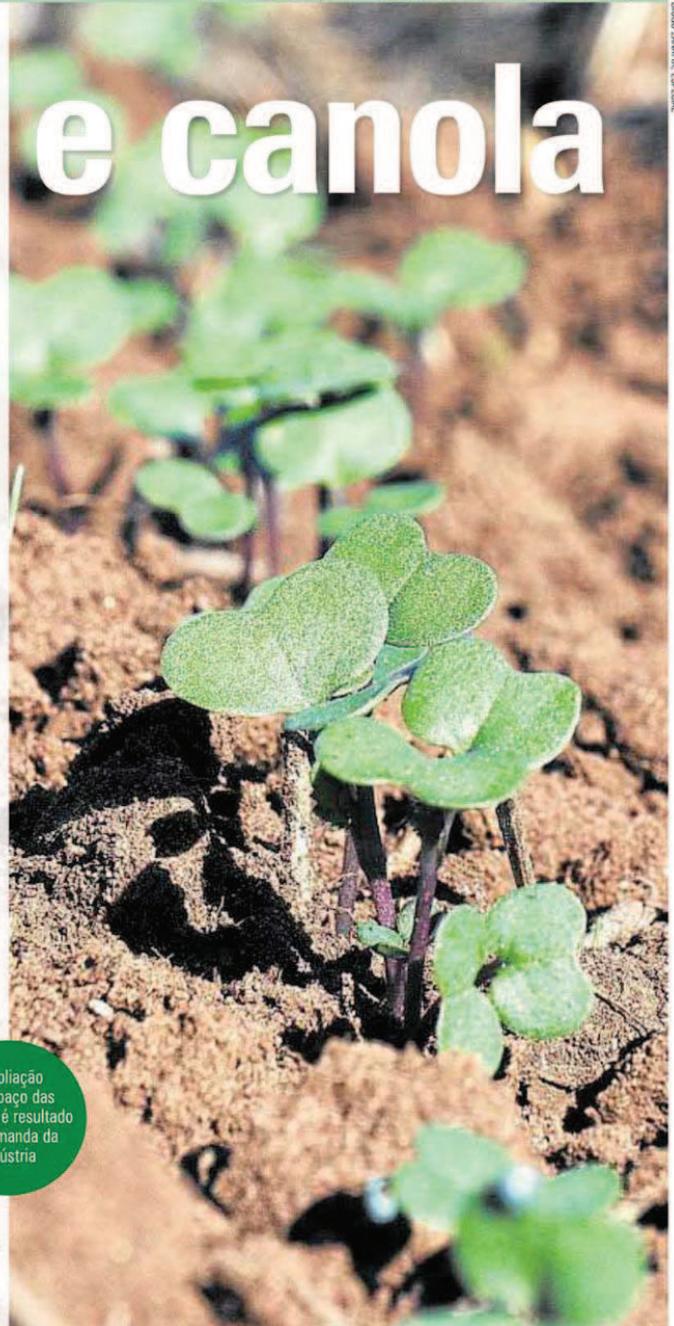
■ Canola ■ Cevada



* valores variáveis

Fonte: Emater Passo Fundo

Ampliação do espaço das culturas é resultado da demanda da indústria



RICARDO YAMAYC/OGGI

COLHEITA

Preço em alta motiva expansão da canola

FERNANDA DA COSTA

A venda garantida para a produção de biocombustível fez a produtora Fabiana Venzon, 35 anos, de **Passo Fundo**, no Norte, destinar mais do que o dobro da área para a canola nesta safra. Ao iniciar a colheita, a produtora ainda comemora o bom preço da cultura, que deve ficar em torno dos R\$ 75 a saca, segundo a Associação Brasileira dos Produtores de Canola (Abrascanola).

Dos 30 hectares cultivados em 2011, Fabiana ampliou a área para 70 hectares neste ano. No Estado, conforme a Emater, a área cultivada da oleaginosa cresceu de 26.259 hectares em 2011 para 33.394 hectares neste ano, 27,17% a mais. A produção deve aumentar 29%.

– Temos garantia de compra, diferente de outras safras de inverno, em que precisamos armazenar e esperar um bom momento para a venda – afirma a agricultora.

Fabiana e outros produtores do Norte enfrentaram problemas no início do cultivo, devido à falta de chuva em maio. Mesmo assim, ela pretende ampliar de 10% a 20% a área plantada em 2013.

– Além da rentabilidade, a canola melhora o desenvolvimento da soja, pois deixa um solo de melhor qualidade – explica.

A expectativa para a próxima safra é que a cultura ganhe ainda mais espaço, impulsionada por empresas que produzem biocombustível. Apenas a BSbios, que atua em parceria com 200 produtores de 70 municípios gaúchos, espera alcançar 20 mil hectares em 2013.

– Muitos produtores deixam áreas ociosas no inverno. Queremos fomentar o cultivo de canola nesses locais – diz Fábio Júnior Benin, coordenador do Departamento de Fomento da BSbios.

A Abertura Nacional da Safra da Canola foi realizada no último dia 18, em **Colorado**, no Norte. Segundo o vice-presidente administrativo da Abrascanola, Fábio Júnior Benin, a quebra na produção dos Estados Unidos, a diminuição dos estoques mundiais e o aumento das oportunidades de exportações ajudaram a elevar o preço do grão.

– Há dois anos, o preço da saca de canola ficou em torno dos R\$ 40.

fernandadacosta@zerohora.com.br



FABIANA VENZON, produtora de Passo Fundo que cultivou canola em 70 hectares nesta safra

“

Há garantia de compra, diferentemente de outras safras de inverno, em que precisamos armazenar e esperar o momento da venda



ANEXO 3 – LAVOURAS ABAIXO DO MAU TEMPO. 02/11/2012

CAMPO & LAVOURA

DA SECA AO GRANIZO

Lavouras abaixo de mau tempo

Clima provoca perda de 10% na produtividade do trigo e também prejudica a semeadura das culturas de verão

FERNANDA DA COSTA

A imagem do trigo no campo no início da safra era motivo de orgulho para o produtor Almir José Górgen. A expectativa para a área de 78 hectares em Não-Me-Toque, no norte do Estado, era produzir mais de 65 sacas por hectare. Há um mês, a satisfação do agricultor transformou-se em tristeza. Pouco antes da colheita, a geada e a chuva forte devastaram 96% da lavoura e mudaram o cenário promissor de produtividade. Assim como na propriedade de Górgen, o descompasso com o clima tem sido recorrente nos campos do Estado, causando prejuízos às safras de inverno e verão.

– Usamos tecnologia de ponta para o trigo, com alto custo de produção. Agora, no final da safra, vi-

mos o investimento perdido por causa do clima. O que vamos colher deve ter qualidade muito baixa – lamenta o produtor, que planeja iniciar a colheita na próxima semana.

Qualidade ruim da cevada prejudica entrega a maltarias

Com cerca de 30% da área colhida no Estado, conforme a Companhia Nacional de Abastecimento (Conab), produtores de trigo sofrem com a baixa qualidade do grão. Em algumas áreas, segundo a Emater, triticultores sequer farão a colheita, pois a qualidade não atinge o mínimo aceitável para compensar os custos da retirada do produto.

O engenheiro agrônomo da Emater Alencar Rugeri explica que a produtividade da safra teve redução de pelo menos 10%. As áreas mais prejudicadas foram as regiões de Ijuí, no Noroeste,

e de Passo Fundo, no Norte, onde geada e chuva atingiram as plantas na fase final da maturação. Outras culturas de inverno, como cevada e canola, também sofreram com os efeitos do clima. Gelson Lima, gerente de produção da Cotrijal – que reúne cerca de 5 mil produtores de 14 municípios do Norte –, afirma que associados perderam cerca de 50% das produções de trigo e cevada e tiveram queda de produtividade com a canola.

– Em qualidade, nossos associados perderam quase 100% da cevada colhida – diz Lima.

É o caso de Górgen, que viu a produção de 30 hectares de cevada prejudicada pelo vento forte e excesso de chuva na fase de germinação.

– Colhemos cevada de qualidade ruim, que não será aceita na maltaria. Teremos de destiná-la à alimentação animal – conta o produtor.

✉ fernandadacosta@zerohora.com.br



Milho ficou com crescimento abaixo da média

Replanteio de área implica risco elevado

O tempo também castigou culturas de verão. Orides Pollo perdeu cinco hectares de milho em Passo Fundo, no Norte. Na tentativa de obter produtividade de 150 sacas por hectare, aplicou 30% a mais em sementes e insumos de melhor qualidade, mas perdeu o investimento para a geada. A altura das plantas que restaram não passava de 20 centímetros, quando deveriam ter 90 centímetros. Com ajuda do seguro agrícola, pretende replantar milho e soja. Alencar Rugeri, da Emater, alerta que o replanteio expõe a cultura a riscos.

– Replantado agora, o milho pode sofrer mais com a falta de chuva e perder produtividade – afirma Rugeri.

Na área da Cotrijal, cerca de 30% das lavouras de milho foram refeitas. Levantamento preliminar da Conab mostra que a maioria dos produtores com perdas no milho decidiu trocar o cultivo por soja.

– O grão atraiu produtores que precisaram replantar as lavouras pelo alto preço de mercado e pelo menor custo de implantação, comparado ao do milho – afirma Ernesto Irgang, assistente da superintendência regional da Conab.

O excesso de chuva também prejudicou o arroz, atrasando o plantio na Fronteira Oeste e na Campanha. No Estado, 38,4% da área foi semeada, conforme o Instituto Rio Grandense do Arroz (Irga). Em 2010, a área semeada na mesma época era de 73,3%.

– O ideal é plantar antes de 15 de novembro. Depois, a produtividade pode cair pela falta de luminosidade no desenvolvimento da planta – diz Claudio Pereira, presidente do Irga.



O produtor Almir José Górgen, de Não-Me-Toque, viu 96% da lavoura de trigo ser devastada pela geada e pela chuva forte e também acumula prejuízo na cevada

Efeitos adversos



TRIGO

Cerca de 30% da área do cereal já foi colhida, conforme a Conab, e triticultores sofrem com a baixa qualidade do grão. Devido à geada, ao excesso de chuva e ao vento forte, que danificaram a planta na fase final da maturação, a produtividade da safra reduziu pelo menos 10%, conforme a Emater. Regiões mais prejudicadas foram o Noroeste e o Norte.



CEVADA E CANOLA

A cevada e a canola, culturas de inverno, também sofreram com o descompasso do clima. A geada e os temporais prejudicaram a cevada na fase de germinação, reduzindo a qualidade do grão e impedindo o processamento nas maltarias. Com isso, produtores serão obrigados a destinar o produto para alimentação animal. A canola sofreu com o vento forte na época de colheita, que reduz a produtividade.



MILHO

No Estado, cerca de 62% da área foi plantada. Geada e granizo devastaram muitas lavouras nas Missões, no Noroeste e no Norte. A saída para muitos produtores foi o replanteio de milho e, principalmente, soja nas áreas. Quando replantado, o milho fica mais exposto à falta de chuva durante o desenvolvimento e pode ter queda na produtividade, conforme a Emater.



SOJA

O plantio de soja não sofreu atrasos no Estado devido ao clima, segundo a Conab. A chuva passageira beneficia as lavouras, pois a terra úmida facilita a germinação da planta. Conforme a Emater, 6% da área foi semeada no Estado. No país, de acordo com levantamento da Safra & Mercado, a área plantada corresponde a 28%.



ARROZ

O plantio de arroz no Estado foi atrasado devido ao excesso de chuva na Fronteira Oeste e na Campanha, o que pode reduzir a produtividade. Cerca de 35% da área da cultura foi plantada na Fronteira Oeste e 26% na Campanha. A média estadual, segundo o Instituto Rio Grandense do Arroz (Irga), é de 38,4% da área plantada. Na mesma época em 2010, o Estado havia semeado 73,3% da área de arroz.



TABACO

O plantio foi antecipado em cerca de 20 dias devido ao inverno seco e com boa luminosidade. No entanto, com a forte chuva dos últimos dias, o tabaco perdeu produtividade. A redução deve ser de 10% em relação à safra passada, segundo a Associação de Fumicultores do Brasil (Afubra). No Estado, 15% da área foi colhida.

ZEROHORA.COM

Em www.zerohora.com, produtores do Norte do Estado relatam a extensão dos estragos em suas lavouras de milho e de trigo.



ANEXO 4 – CUIDAR DO SOLO É A SALVAÇÃO DA LAVOURA. 25/05/2012

MAIS CAMPO

ZH

GESTÃO RURAL

PORTO ALEGRE, SEXTA-FEIRA, 25 DE MAIO DE 2012

Cuidar do solo é a salvação da lavoura



Na propriedade de Édio Quaini, em Cruz Alta, investimento em manejo já produz resultados

Descompactação e cobertura eficiente da palhada são ferramentas cada vez mais empregadas e deixam o produtor menos dependente do clima

ROBERTO WITTER

Dribar uma seca como a que assola o Estado há sete meses sem prejuízos nas lavouras é tarefa praticamente impossível. Mas o manejo correto de solo é capaz de diminuir as perdas. Por isso, mais produtores estão investindo em descompactação da terra e cobertura eficiente de palhada.

Em Cruz Alta, no Noroeste, o agricultor Édio Quaini iniciou há três anos um trabalho específico para aumentar a produtividade. Áreas onde raízes tinham dificuldade para penetrar no solo foram descompactadas com máquinas ou com o cultivo de plantas como o nabo forrageiro.

Com o trabalho em andamento, os resultados já aparecem, segundo o consultor Jorge Vargas, que orienta o manejo na propriedade. Raízes com cerca de 12 centímetros são encontradas – a média na região é de seis centímetros.

– Durante 30 dias sem chuva, a soja que

A produção e o tempo

A chuva em excesso também pode ser prejudicial ao desenvolvimento das culturas de inverno:

- ✓ **Trigo** – A chuva prejudica mais no florescimento, enchimento de grãos e na colheita.
- ✓ **Aveia** – Como o trigo, pode ser prejudicado pelas precipitações no florescimento, enchimento de grãos e na colheita.
- ✓ **Cevada** – O período mais delicado é o da colheita, porque a umidade alta afeta a qualidade do grão.

plantei resistiu à seca sem apresentar problemas. A raiz buscava água nas camadas de baixo. Depois desse período, ressecou tudo e a planta passou a sentir a seca – conta Quaini.

Este ano, o produtor irá continuar o manejo, com o cultivo de aveia e trigo, plantas que fornecem grão e produzem palha resistente para

o plantio direto. O inverno será sob efeito do fenômeno El Niño, por isso, bastante chuvoso, apontam meteorologistas.

– Embora o La Niña tenha chegado ao fim em abril, a chuva ainda não ficou regular e intensa porque a atmosfera leva um tempo até reagir à alteração da temperatura no oceano. Mas o inverno será chuvoso, e essa regularidade pode se iniciar na próxima semana – afirma Estael Sias, meteorologista do Grupo RBS.

Com isso, o engenheiro agrônomo e coordenador de pesquisa da CCGI, TEC, José Ruedell, alerta para a ação de fungos no trigo, na aveia e na cevada.

– Uma condição de muita chuva e temperaturas altas é extremamente propícia ao aparecimento de fungos. Além disso, uma grande precipitação logo após a aplicação de nitrogênio (maior nutriente das plantas), por exemplo, faz com que o produto se perca, obrigando a uma nova colocação – explica Ruedell.

roberto.witter@zerohora.com.br



O foco é aumentar o lucro, mas, com manejo mais cuidadoso, o produtor aumenta a aeração do solo, eleva o índice de nutrientes e evita doenças que ataquem a cultura.

José Ruedell,
engenheiro agrônomo

MAIS CAMPO



MANEJO DIFERENCIADO

Do laboratório ao car

Pesquisas feitas no Estado e testadas em campo comprovam que tecnologia aliada ao investimento no solo pode aumentar a produtividade em até 15%

Passo Fundo
LEANDRO BECKER

Produzir mais e melhor é desafio permanente no campo. Mas no trigo, principal cultura de inverno do Rio Grande do Sul, a preocupação é ainda maior neste ano. O motivo são os efeitos da seca e a maior exigência de qualidade do produto. Não há receita pronta, mas um consenso: é preciso tecnologia e investimento no solo. Na região de **Passo Fundo**, no norte do Estado, a combinação entre pesquisa e manejo diferenciado é a prova disso. O ganho em produtividade pode chegar a até 15%.

Fortalecer a terra é o foco do agricultor Lisandro Webber, 42 anos. Nos cerca de 400 hectares da família em **Coxilha**, no Norte, a evolução é gradativa. O investimento em agricultura de precisão no solo em 2008 fez a produtividade média saltar de 57 para 67 sacas por hectare no ano seguinte. Ao aliar uma cultivar mais resistente à mudança na época da adubação com nitrogênio, o produtor chegou a 80 sacas por hectare em 2011.

Webber seguiu orientação de técnicos da OR Sementes, de Passo Fundo. Há dois anos, participou de uma pesquisa da empresa envolvendo genética e manejo diferenciado. E gostou do que viu. Enquanto em 160 hectares de cultivo tradicional o produtor obteve média de 68 sacas por hectare, nos 200 hectares onde usou a recomendação o resultado foi 85 sacas por hectare. Animado, decidiu estender a medida para toda a área plantada.

– Esse ganho, muitas vezes, é a diferença que falta para alcançar uma faixa maior de qualificação do trigo e obter um preço melhor – ressalta.

A pesquisadora e gerente administrativa

da OR Sementes, Amarilise Labes Barcellos, explica que estudos indicaram ser possível obter mais qualidade no trigo se, em vez das tradicionais etapas de adubação nitrogenada no início da cultura e no perfilhamento, também fosse feita uma aplicação na fase de espigamento. Aprovado em laboratório, o sistema correspondeu no campo. E, no caso de Webber, virou rotina no manejo da cultura.

Nova regra exigirá mais qualidade a partir de julho

Amarilise observa, no entanto, que a técnica foi testada em condições adequadas de umidade e nas lavouras de produtores cuidadosos com o solo. Mas a pesquisadora destaca que o sistema está ao alcance de todos, desde que haja disposição de investir em fertilidade. A busca por melhor resultado, aliás, é inevitável diante da nova instrução normativa que exigirá mais qualidade do trigo a partir de 1º de julho. E exige cautela.

– O produtor deve verificar as condições da propriedade, se a cultivar é adequada e se o clima será favorável para compensar o investimento – orienta João Leonardo Pires, pesquisador da Embrapa Trigo.

Para Amarilise, é crescente entre os agricultores a convicção de que tecnologia é o caminho para acabar com a desconfiança quanto ao cultivo de trigo. A pesquisadora frisa que a pesquisa sobre a cultura está muito avançada no Brasil.

– A adoção de técnica adequada e o uso de cultivares resistentes trazem tranquilidade ao produtor. E o investimento se paga com melhor resultado na lavoura – destaca a pesquisadora.

leandro.becker@emrhorta.com.br



Cuidado com a germinação

A falta de umidade no solo é um desafio para o ciclo de inverno. Mas o produtor não deve adotar medidas arriscadas ou diferenciadas devido à seca, alerta a Emater. A recomendação é que o agricultor observe as condições climáticas para encontrar o momento adequado para o plantio.

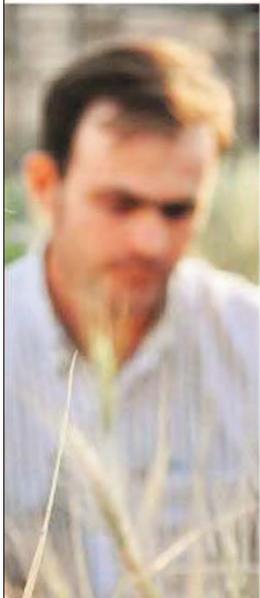
– A seca não terminou e causa desconforto, mas cabe ao produtor preparar bem a área e fazer o manejo adequado – ressalta Alencar Rugeri, engenheiro agrônomo da Emater.

Rugeri observa que o bom retrospecto

do trigo no ciclo passado e a necessidade de recuperar as perdas com a seca devem resultar no aumento da área plantada, que foi de 930 mil hectares em 2011. O indicativo é a crescente busca por informações sobre a cultura nos escritórios da entidade. A nova instrução normativa do trigo também desperta curiosidade. Para Rugeri, a medida é benéfica ao valorizar a qualidade, mas exigirá mais profissionalização:

– Cada produtor deve analisar bem sua situação e buscar orientação técnica em caso de dúvidas.

mpo



Nova instrução normativa exigirá maior qualidade do cereal, reforçando a busca por melhores resultados na lavoura

Benefícios futuros

Cuidar do solo exige planejamento para transformar produtividade em lucro no cultivo de trigo. Segundo pesquisadores da Embrapa Trigo, apesar de o melhoramento genético tornar a escolha da cultivar crucial para uma boa lavoura, o manejo adequado é decisivo ao longo do processo. Se bem feita, afirmam os técnicos, a conservação do solo pode resultar até mesmo no aumento de produtividade na cultura de verão.

– É preciso construir um ciclo de bom potencial e protegê-lo, pois não adianta investir alto e aplicar os insumos de forma incorreta, pois não dará resultado – ressalta João Leonardo Pires, da Embrapa Trigo.

Pires observa que bons resultados no cultivo de trigo passam por um conjunto de práticas, como obedecer à época de semeadura, escolher a semente certa, prevenir doenças, caprichar na adubação e monitorar a lavoura permanentemente. O pesquisador também alerta que o produtor precisa cuidar do solo conforme as condições meteorológicas e especificidades de cada região, evitando adotar um pacote pré-definido para toda área.



Redução de 96% da erosão e economia de 55% do combustível são dois dos benefícios do sistema, utilizado em 90% das lavouras gaúchas

PLANTIO DIRETO

Só rende bem do jeito certo

Em apenas 40% das áreas onde a técnica é usada, os produtores seguem a recomendação de pelo menos dois cultivos anuais, comprometendo resultados

MARIELISE FERREIRA

Passados 40 anos do início da utilização do plantio direto no Brasil, em apenas 40% das áreas as orientações de diversificação de culturas, com pelo menos dois cultivos por ano, são seguidas à risca. Dados da Embrapa Trigo mostram que quem adere parcialmente à técnica está deixando de ganhar.

Pioneiro na adoção do plantio direto, ainda na década de 1970, o Rio Grande do Sul tinha em 1992, 4% da área de lavouras no sistema. Em 2012, a estimativa, conforme o engenheiro agrônomo Dirceu Gassen, gestor da área técnica da Cooperativa dos Agricultores de Plantio Direto (Cooplantio) e membro do Conselho Científico para Agricultura Sustentável, é de que 90% da área de lavouras já tenha implantado o sistema, em especial nas lavouras de soja, milho e trigo. O benefício aparece na redução dos índices de erosão do solo e de custos no preparo do solo.

– A erosão foi reduzida em 96%, e o consumo de combustível, em 55%. Onde eram necessários três tratores para tracionar arados e grades, é preciso um só – salienta Gassen.

Apesar dos ganhos, estudos do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE) mostram que dos 25,5 milhões de

hectares com plantio direto no Brasil, menos de 10,4 milhões de hectares seguem a recomendação de diversificação de culturas. Fazer “pela metade” compromete a técnica.

José Eloir Denardin, pesquisador da Embrapa Trigo e doutor em ciências dos solos, explica a dedução, fundamentada pelos dados estatísticos que, dos 37,6 milhões de hectares cultivados na safra de verão, com as culturas de soja e milho, apenas 2,7 milhões de hectares são cultivados no ciclo de inverno e 7,7 milhões de hectares, com milho safrinha.

A situação se repete no Estado. Conforme Denardin, na safra de verão são cultivados cerca de 5 milhões de hectares com soja e milho. No inverno, são 1,25 milhão de hectares com cereais para produção de grãos ou pastagens. Assim, 3,75 milhões de hectares – 75% da área cultivada –, ficam parados, cobertos por plantas que nascem espontaneamente. Essas plantas, além de não produzir palha e raízes em quantidade suficiente para a demanda do solo, são usadas como pastagem.

– A integração pecuária-agricultura é ótima alternativa, mas com a escassez de mão de obra, o pecuarista não quer manejar o gado em piquetes e deixa o gado solto, pisotando tudo. Quando vai plantar no verão não tem mais solo, tem tijolo – afirma Denardin.

O efeito benéfico

Na produtividade

Aumentou a quantidade de grãos produzida por hectare:

44% no arroz 48% na soja
72% no milho 64% no trigo

No consumo de combustível

> No início da década de 1990, um litro de diesel produzia aproximadamente 25 quilos de arroz, milho, soja ou trigo.

– Atualmente, com o mesmo litro se produz entre 105 e 175 quilos desses grãos.

> Para produzir um quilo de soja gastava-se 68,3 ml de diesel. Hoje, são necessários apenas 8,8 ml de diesel.

Na qualidade de vida do produtor

> O produtor passou a ter tempo disponível para diversificar atividades de produção, reduzindo em 31% a necessidade de mão de obra.

> Diminuiu o desgaste das máquinas com a redução de 41% na demanda de hora-máquina e de 48% no capital imobilizado em máquinas e equipamentos para a condução da lavoura.

> A longo prazo, deve ocorrer aumento do potencial de produtividade, com a qualificação técnica do produtor e a melhoria do solo.

marielise.ferreira@terchora.com.br



BIBLIOTECA DO AGRICULTOR



O Mais Campo apresenta uma dica de leitura do pesquisador da Embrapa Trigo, João Leonardo Pires, para quem busca mais conhecimento sobre técnicas de manejo:

O livro: *Informações Técnicas para Trigo e Triticale - Safra 2012*

Descrição: trata das indicações técnicas para a cultura de trigo. As orientações são elaboradas pela Comissão Brasileira de Pesquisa de Trigo e Triticale, que se reúne anualmente para discutir avanços na pesquisa de trigo no Brasil e para consolidar

práticas e genética que serão indicadas aos técnicos e produtores.

Como encontrar: a publicação pode ser obtida gratuitamente, em formato pdf, na página da Embrapa Trigo na internet (www.cipt.embrapa.br)

MAIS CAMPO

ZH TECNOLOGIA PORTO ALEGRE, SEXTA-FEIRA, 8 DE JUNHO DE 2012

Efeito dominó

Um avanço aqui puxa outro lá: investir em inovação para a produção mantém vivo o negócio

LORAINÉ LUZ

Especial

Prestes a iniciar o plantio de cevada na propriedade da família em Coxilha, no norte do Estado, Lisandro Webber, 42 anos, se dedica, no momento, a aplicar gesso agrícola no solo. Para isso, conta com uma mãozinha que vem garantindo maior produtividade e melhor qualidade de vida, além de renovar continuamente o negócio, que inclui o trigo no inverno e a soja e o milho no verão: a tecnologia.

A ajuda vem de um distribuidor e de uma colheitadeira de ponta, adquiridos recentemente e responsáveis por aumento de 20% na produtividade – justificando cada centavo investido pela empresa dele, a Sementes Webber, na modernização das máquinas.

São equipamentos com grande autonomia. O distribuidor larga no solo exatamente o que cada pedaço de terra precisa a par-

tir de um mapa de aplicação desenhado pelo sistema informatizado da máquina, que se autorregula. A colheitadeira também faz uma radiografia de qual parte da propriedade produz mais ou menos. Com o solo corrigido, o produtor já vê necessidade de melhorar a distribuição das sementes e está atento a novidades do mercado.

– Investir em tecnologia é a nossa garantia de sobrevivência. Ter as melhores máquinas, com valor de revenda na hora de troca, foi uma coisa que aprendi com o meu pai – afirma Lisandro.

Os 1,8 mil hectares da propriedade tiveram início em 1957, com Setembrino Webber. Hoje, duas irmãs de Lisandro também tocam o negócio. Há muitas diferenças entre as épocas, a atual e a do pai, e todas estão de certa forma ligadas à evolução tecnológica. Uma delas é a velocidade com que as novidades chegam.

– De 12 anos para cá, as máquinas que a gente vê fora não demoram para aparecer aqui. O que vi numa feira nos Estados

Unidos, ano passado, já está disponível no mercado brasileiro – exemplifica Lisandro.

Outro ponto importante é que lidar com a tecnologia está cada vez mais fácil. Lisandro afirma que os monitores de colheita de 2010, com tela sensível ao toque, são muito mais acessíveis do que os surgidos no início da década. Ainda assim, máquinas com tanta tecnologia exigem mão de obra mais preparada. O agricultor avalia que, dentro de seis ou sete anos, só será possível ter um operador com, no mínimo, Ensino Médio completo.

– Na época do meu pai, a mão de obra era mais barata. Até por isso preciso de máquinas que garantam melhor produtividade e mais lucro. Afinal, preciso oferecer salários atraentes para esse operador que estudou – afirma o produtor, convencido de que esse é o melhor caminho.

Para Lisandro, o investimento em tecnologia explica o salto na produção. No trigo, por exemplo, passou dos 3,5 mil quilos por hectare para 4,3 mil quilos por hectare.

Palavra de especialista

“Hoje há uma oferta fantástica, com ambientes informatizados em todas as máquinas. Me assombra a facilidade com que o homem do campo saiu do lombo do cavalo, depois para o trator e agora se vê entre processos eletrônicos. O desafio é a mão de obra que, sem qualificação ideal, não tira tudo que pode dessas máquinas.”

Luiz Fernando Coelho de Souza, professor da Ufrgs e coordenador da comissão julgadora do prêmio Gerda Melhores da Terra, que premia inovações eficientes do setor

> Para o especialista, o salto de mais de 170% na produção de grãos do país nos últimos 20 anos se deve principalmente aos avanços tecnológicos na área de métodos, processos, sementes e mecanização.

> O marco foi 1960, ano da primeira fábrica de tratores.



O produtor Lisandro Webber viu a produção de trigo crescer de 3,5 mil quilos por hectare para 4,3 mil quilos por hectare graças ao investimento em tecnologia



**ESPECIALISTA EM PLANTIO DIRETO.
LIDERANÇA EM INOVAÇÃO.**

www.semeato.com.br

ANEXO 6

TRIGO TERÁ MAIS CRÉDITO E PREÇO MÍNIMO REAJUSTADO. 08/05/2012

SAFRA DE INVERNO

Trigo terá mais crédito e preço mínimo reajustado

Medidas anunciadas ontem pelo ministro da Agricultura, Mendes Ribeiro Filho, beneficiam os produtores de trigo do Estado.

Além da ampliação do crédito, que será 14% maior em relação ao ciclo passado, o preço mínimo do cereal também teve um reajuste.

Congelado há dois anos, o preço mínimo do trigo passou de R\$ 477 para R\$ 501 a tonelada no Sul do país e de R\$ 535 para R\$ 552 a tonelada no Centro-Oeste, Sudeste e na Bahia. Os valores vão vigorar entre julho deste ano e julho de 2013.

– Com isto, demonstramos aos produtores que o governo está atento a questões como a de preços e de

escoamento do produto – afirmou o ministro, ao apresentar o Plano Safra 2012 para o trigo, em evento em Curitiba.

Dentre as medidas de apoio ao trigo anunciadas está o aporte de R\$ 430 milhões para incentivar a venda da safra de 2012, a ampliação de 14% em relação à safra passada dos recursos para o crédito e R\$ 60 milhões para o pagamento das subvenções do seguro agrícola, além do reajuste dos preços mínimos de todas as culturas de inverno.

Segundo Mendes Ribeiro, só para o trigo há uma disponibilidade de R\$ 3 bilhões, sendo R\$ 1,5 bilhão para a comercialização e R\$ 1,5 bilhão para custeio e investimento. Para todas as culturas de inverno, o governo oferecerá R\$ 107 bilhões.

OLHAR DO CAMPO

Irineu Guarnier Filho irineu.guarnier@canalrural.com.br

*Grão nobre*

O Brasil poderia ser autossuficiente em trigo. Bastaria que Rio Grande do Sul e Paraná ampliassem suas lavouras, o que é factível, e que se incorporassem à produção nacional vastas áreas do Centro-Oeste. Tecnologia para isso, Embrapa e órgãos estaduais de pesquisa podem prover.

O que impede a expansão da triticultura nacional é o mercado. Sai mais barato para um moinho do Nordeste importar trigo da Argentina, por via marítima, do que levar o cereal gaúcho de caminhão para lá. Há, também, a questão da

força de glúten. Embora a qualidade do trigo brasileiro tenha aumentado, o chamado grão duro, importado da Argentina, ainda é o preferido para panificação.

O produtor se sente desmotivado a investir na cultura, porque os preços são insuficientes.

A proposta governamental de garantir um preço mínimo melhor pode trazer novo ânimo à atividade.

Como gaúcho, o ministro Mendes Ribeiro Filho sabe o quanto o trigo já foi importante para a economia do Estado.

E pode voltar a sê-lo.

ANEXO 7

PLANO SAFRÁ TRAZ POUCOS BENEFÍCIOS PARA AO ESTADO. 09/05/2012

CAMPO & LAVOURA



Se soubesse que viriam incentivos, Contri diz que teria plantado mais

CULTURAS DE INVERNO

Plano Safra traz poucos benefícios ao Estado

JOICE BACELO

Não deve ter o impacto esperado, no Estado, o Plano Safra para as culturas de inverno.

Produtores e entidades do setor dizem que as medidas chegam tarde, além de o reajuste do preço mínimo ser insuficiente e restrito.

Anunciado pelo Ministério da Agricultura depois de dois anos de congelamento, o reajuste do preço mínimo, além de tudo, tem impacto apenas na variedade do tipo pão, e com nova configuração.

De acordo com o assistente técnico estadual da Emater Ataídes Jacobson, a saca, que passou de R\$ 28,62 para R\$ 30,06, trata somente do

grão especificado com mais de 220 de força glúten, o chamado tipo pão – abaixo desse nível o preço cai para R\$ 25,01. Até o ano passado, os mesmos R\$ 28,62 valiam a partir do cereal com mais de 180 de força glúten. De acordo com Cotrijal, se fosse na safra passada, somente 10% da produção gaúcha se enquadraria no novo valor.

No Plano Safra para culturas de inverno, 90% dos R\$ 3,16 bilhões são para o trigo. Houve aumento de 14% no crédito, mas o anúncio da oferta maior foi considerado atrasado pelos produtores gaúchos que já começaram o plantio. Aurélio Contri planta os mesmos 20 hectares de 2011:

– Se soubesse antes dos incentivos, poderia ter ampliado a área.

joice.bacelo@zerohora.com.br

OLHAR DO CAMPO

Irineu Guarnier Filho irineu.guarnier@canalrural.com.br



Página vergonhosa

O plenário da Câmara deve votar hoje a proposta que prevê a expropriação de propriedades com trabalhadores em situação de escravidão. Essa lei tem de ser aprovada. Aliás, já passou da hora. O trabalho escravo no campo é uma aberração. Uma tragédia social que envergonha o país. Tem de ser combatido com todas as armas. Mas também porque é péssimo para a imagem do agronegócio brasileiro no Exterior. Além das barreiras tributárias, sanitárias e ambientais,

nossos produtos não podem enfrentar barreiras sociais ou humanitárias. Ninguém pode ser contra o fim do trabalho escravo. Principalmente os produtores rurais. Quem cumpre a lei – a imensa maioria dos agricultores, diga-se – não pode ser prejudicado por meia dúzia de senhores feudais, que conspiram a imagem do agronegócio. Os próprios ruralistas deveriam denunciar quem explora trabalho escravo. Esperemos que o Congresso vire mais esta vergonhosa página da nossa história.

ANEXO 8 – TRIGO ACUMULA AUMENTO DE 7,8%. 16/08/2012

CAMPO & LAVOURA

ZERO HORA QUINTA-FEIRA, 16 DE AGOSTO DE 2012

campo@zerohora.com.br (51) 3218-4709 25
Editora: Gisele Loeblein – gisele.loeblein@zerohora.com.br

OLHAR DO CAMPO

Irineu Guarnier Filho irineu.guarnier@canalrural.com.br



Joãozinho do passo certo

A presidente Dilma Rousseff pode sancionar até a próxima semana a emenda da medida provisória que taxa a importação de arroz e farinha de trigo de países do Mercosul. A medida – reclamada pelos produtores – é polêmica. Não estão descartadas retaliações dos vizinhos. Mas a verdade é que o

Brasil tem todo o direito de taxar esses produtos. A Argentina, por exemplo, vive criando barreiras aos produtos brasileiros.

Por que o Brasil tem de ser o Joãozinho do passo certo? No caso do arroz, o cereal é produzido no Uruguai e na Argentina com custos bem menores, sofre menos tributação, e, quando vem para

cá, raramente é para garantir o abastecimento do mercado (temos bons estoques do grão e exportamos pouco). Geralmente vem como contrapartida de acordos bilaterais, que envolvem as exportações brasileiras de automóveis e produtos industrializados para aqueles países. E só contribui para desorganizar o mercado interno.

TV 40" LED Full HD com conversor digital a partir de**
10X R\$ 199,00 sem juros no Cartão Pontofrio* R\$ 1.990,00 à vista

Refrigerador Frost Free
10X R\$ 299,00 sem juros no Cartão Pontofrio* R\$ 2.999,00 à vista

PHILIPS Home Theater 5.1 Canais de som
10X R\$ 79,00 sem juros no Cartão Pontofrio* R\$ 799,00 à vista

429 LITROS FROST FREE IPI REDUZO

40" LED

SMART TV

HDMI • USB • 800 WATTS • KARAOKE COM PONTUAÇÃO

pontofrio
Tudo de melhor pelo melhor preço.

CULTURAS DE INVERNO

Trigo acumula aumento de 7,8%

Combinação de tempo e preço favoráveis traz bons resultados para os produtores gaúchos

ROBERTO WITTER

Com o tempo favorável e a alta nos preços, agricultores gaúchos comemoram os ganhos com as culturas de inverno.

Impactado pela quebra de safra em importantes países produtores, o preço do trigo está 7,8% acima do mesmo período do ano passado.

No mesmo ritmo, a aveia, utilizada mais em rações, praticamente dobrou de valor devido à estiagem. A combinação de chuva na quantidade necessária com as temperaturas amenas também tem favorecido os produtores, diz o engenheiro agrônomo da Emater Ataiades Jacobsen.

Há umidade e o clima favorece o desenvolvimento vegetativo de plantas como o trigo. Se houvesse muita chuva, aliada ao calor, aumentaria a incidência de pragas. Hoje, as culturas estão se comportando muito bem – acrescenta Jacobsen.

De acordo com o agrônomo, cerca de 3% do trigo gaúcho já está em estágio mais avançado, passando para a fase de florescimento. No entanto,

grande parte das lavouras ainda está no desenvolvimento vegetativo.

Economista da Federação da Agricultura do Estado (Farsul), Antônio da Luz explica que, mesmo com preço muito acima do negociado em anos anteriores, o trigo ainda pode subir. A cotação do cereal está atrelada à Bolsa de Chicago, que registra alta de cerca de 14% em relação ao ano anterior.

Ainda há uma diferença do preço do Brasil, se comparado com os valores americanos. E há redução de produção em importantes países, como a Rússia, que diminuiu 23,5%, e Argentina, que diminuiu 23% a produção em razão de problemas climáticos. Com demanda maior, a tendência é de que o produto valorize ainda mais – afirma o economista.

Em relação à aveia, o salto na cotação é motivado pela corrida dos pecuaristas, diz o analista de mercado Aníbal Bastos, da BCC Commodities: – No ano passado, se pagava R\$ 0,35 o quilo. Este ano, já foi negociado a R\$ 0,60. Para a época da colheita, o preço deve estar em torno de R\$ 0,40.

roberto.witter@zerohora.com.br

O panorama



AVEIA

• **Situação das lavouras:** bastante semelhante ao trigo. O clima tem ajudado os produtores, evitando a proliferação de pragas que atingem a cultura e elevam o custo de produção (foto acima).

• **Preço:** de R\$ 0,45 a R\$ 0,60 (o quilo)

CANOLA

• **Situação das lavouras:** considerada boa, especialmente no Norte. Nas Missões, ocorreram algumas perdas com a geada. Grande parte das lavouras já está em estágio de floração.

• **Preço:** R\$ 70 (saca de 60 quilos)

CEVADA

• **Situação das lavouras:** grande parte da cultura está em fase de desenvolvimento vegetativo. Segundo a Emater, o clima tem ampliado o potencial produtivo nas áreas cultivadas.

• **Preço:** R\$ 30 (saca de 60 quilos)

TRIGO

• **Situação das lavouras:** grande parte da cultura (97%) está em fase de desenvolvimento vegetativo. O clima tem ajudado. Chuvas na medida certa e temperatura amena impedem a proliferação de pragas.

• **Preço:** R\$ 25,86 (saca de 60 quilos)

Fontes: Emater e BCC Commodities

ANEXO 9

DADOS MOSTRAM GAÚCHOS EM VANTAGEM COM O TRIGO. 07/09/2012

CAMPO & LAVOURA

ZERO HORA SEXTA-FEIRA, 7 DE SETEMBRO DE 2012

campo@zerohora.com.br (51) 3218-4709 19
Editora: Gisele Loeblein - gisele.loeblein@zerohora.com.br

SAFRA DE INVERNO

Dados mostram gaúchos em vantagem com o trigo

Com área plantada maior do que o Paraná, Estado consolida liderança

NESTOR TIPA JÚNIOR

Com a redução de 27,1% na área plantada no Paraná, o Rio Grande do Sul deve consolidar nesta safra a retomada de protagonista na produção do trigo.

A tendência é apontada no levantamento da Companhia Nacional de Abastecimento (Conab) divulgado ontem.

Enquanto os paranaenses cultivaram o cereal em 760,4 mil hectares, os gaúchos plantaram 976,2 mil hectares, aumento de 4,7%. Os dois Estados respondem por 92,3% da produção nacional do cereal. Entre as explicações para esse quadro, está a busca do produtor gaúcho em recuperar com o trigo parte das perdas com a safra de verão. Além disso, os paranaenses apostaram em aumento de área de 17,9% para a segunda safra do milho no lugar do plantio do trigo.

A área cultivada também deve se refletir em nova liderança na produção, já conquistada no período anterior.

Enquanto a previsão para o Paraná é de colher 2,12 milhões de toneladas, o Estado deve produzir 2,65 milhões de toneladas de trigo – o volume, porém, é menor do que no ciclo passado (veja quadro).

– Isso nos deixará em vantagem no cenário nacional – avalia o superintendente estadual da Conab, Glauto Melo.

Para os representantes do setor, outro estímulo é o preço, que acompanha a evolução dos produtos agrícolas. A saca de 50 quilos do cereal, cotada a R\$ 24,50 no início de julho, conforme dados da consultoria Safras & Mercado, chegou a R\$ 29 em setembro.

– O tempo está ajudando, as lavouras estão boas e o preço está acima das expectativas. Esperamos que continue assim – diz o presidente da Federação das Cooperativas Agropecuárias do Estado (Fecoagro), Rui Polidoro Pinto.

Os números da Conab fecharam os levantamentos da safra 2011/2012. Para o Estado, ratificou-se a quebra de 27,5% no total da produção. Os números nacionais apontam safra recorde de 165,9 milhões de toneladas.

O duelo

RIO GRANDE DO SUL	
Área plantada (em hectares)	
2011/2012	932,4 mil
2012/2013*	976,2 mil
Variação	+4,7%

Produção (em toneladas)	
2011/2012	2,74 milhões
2012/2013*	2,65 milhões
Variação	-3,3%

PARANÁ	
Área plantada (em hectares)	
2011/2012	1,04 milhão
2012/2013	760,4 mil
Variação	-27,1%

Produção (em toneladas)	
2011/2012	2,50 milhões
2012/2013*	2,12 milhões
Variação	-15%

Fonte: Conab

*Previsão baseada em médias históricas

OLHAR DO CAMPO

Irineu Guarnier Filho irineu.guarnier@canaturarural.com.br



De volta ao topo

Embalado pela recuperação dos preços internacionais da soja e do milho, o trigo também está mais valorizado. Sorte dos agricultores gaúchos que acreditaram na cultura e plantaram mais, enquanto os paranaenses reduziram a área cultivada. Isso não só poderá garantir alguma compensação para as perdas do último verão como deve catapultar o Rio Grande do Sul de volta à posição de maior produtor nacional do grão. O trigo teve papel fundamental

na organização do agronegócio gaúcho na década de 1950. Foi a infraestrutura erguida pelas cooperativas tritícolas da época que permitiu, a partir dos anos 1970, a consolidação da lavoura de soja – que, daqui, se espalhou para o Brasil. Cruz Alta chegou a ostentar o título de Capital Nacional do Trigo. É bom para os gaúchos ter uma alternativa de inverno rentável. E melhor ainda voltar a liderar um segmento importante do agronegócio brasileiro.



INFORME RURAL

Ajuste para votação da MP do código

Para evitar que a medida provisória do Código Florestal perca a validade, o presidente da Câmara dos Deputados, Marco Maia, deve pedir ao presidente do Senado, José Sarney, um ajuste do calendário de votações definido para o período eleitoral. Se a Câmara aprovar a medida no dia 18, restarão duas semanas para a análise no Senado. Essas semanas antecedem as eleições e não havia previsão de votações.

Integrados de fora da renegociação

O presidente da União Brasileira de Avicultura (Ubabef), Francisco Turra, protestou contra a decisão do Conselho Monetário Nacional (CMN) de renegociar dívidas apenas de produtores independentes. Segundo o dirigente, mais de 90% dos avicultores brasileiros são integrados:

– Só posso pensar que houve equívoco na percepção do setor avícola, no qual a maioria é de integrados.

ANEXO 10 – TRIGO TEM QUEDA DE 10% NA PRODUTIVIDADE. 12/10/2012

CAMPO & LAVOURA

ZERO HORA SEXTA-FEIRA, 12 DE OUTUBRO DE 2012

campo@zerohora.com.br (51) 3218-4709 25
Editora: Gisele Loeblein – gisele.loeblein@zerohora.com.br

SOJA DEPOIS DA CHUVA

Projeção nos EUA traz novo cenário de preços

Relatório divulgado elevou em 8,5% a estimativa de produção do grão

NESTOR TIPA JÚNIOR

Apesar do efeito devastador da seca sobre a atual safra de soja, a chuva registrada recentemente nos Estados Unidos levou a uma recuperação das lavouras e fez o Departamento de Agricultura americano (USDA, na sigla em inglês) revisar a previsão de colheita.

A alta de 8,5% na produção em relação à estimativa de setembro faz analistas projetar uma manutenção e até mesmo queda no preço do grão.

Além da retomada dos americanos (veja quadro), os resultados estimados para a safra brasileira também influenciam nos preços da soja.

Há cerca de 15 dias, havia saca de 60 quilos com preço de R\$ 86, hoje, não passa de R\$ 76. A tendência é de os preços enfraquecerem ou, no mínimo, se estabilizarem nesses patamares nos próximos meses – salienta o analista da Corretora Mercado, Luís Vieira.

Projeções

As estimativas divulgadas pelo Departamento de Agricultura dos EUA mostram leve recuperação da safra americana de soja, com impacto nos números projetados para a colheita. Para o Brasil foi mantida a estimativa anterior:

	setembro*	outubro*
 EUA	71,69	77,84
 BRASIL	81	81
 MUNDO	256,13	264,28

*em milhões de toneladas

No Rio Grande do Sul, 35% da safra já foi comercializada antecipadamente, segundo o consultor Carlos Cogo. Quem não negociou, poderá encontrar preços até 15% mais baixos dos encontrados em setembro.

– Apesar da queda, o produtor não

deve se preocupar, pois os preços ainda estarão acima dos valores históricos para a safra. No ano passado, nesta mesma época, girava em torno de R\$ 49 a saca de 60 quilos – lembra.

No relatório divulgado pelos americanos, os estoques mundiais tiveram um incremento para 57,56 milhões de toneladas. No mesmo passo, a demanda chinesa por soja cresceu 1,5 milhão de toneladas. Principal compradora mundial do grão, a China deve importar 61 milhões de toneladas.

– Este será o contrapeso para a manutenção dos preços nestes patamares para esta safra. A demanda de um país que compra cerca de 60% da soja no mundo está forte e isto é um reflexo positivo – ressalta Cogo.

Nesta semana, conforme a Emater, o plantio da soja no Estado deveria ter se iniciado, mas as chuvas dos últimos dias impediram a entrada das máquinas nas lavouras para começar a semeadura do grão.

nestor.junior@zerohora.com.br

OLHAR DO CAMPO

Irineu Guarnier Filho irineu.guarnier@canalrural.com.br



E agora?

Reviravolta à vista no mercado de soja. Já não há mais segurança sobre a manutenção dos altos preços do grão após o último relatório do USDA. As interpretações sobre os números do Departamento de Agricultura dos EUA podem divergir de um analista de mercado para outro. Mas todos são unânimes em um ponto: os produtores não podem esperar vender toda a sua safra pela cotação mais alta. O mais sensato é tentar

obter uma boa média de preço. Um valor que cubra o custo de produção e deixe ao agricultor uma remuneração de cerca de 30% pelo seu trabalho. Para isso, é importante saber exatamente quanto custa produzir cada saca de soja, e negociar a safra escalonadamente. A lição não é nova, admitem os especialistas, mas em momentos como esse, pode ser muito útil. Ganância desmedida geralmente resulta em grandes prejuízos.



INFORME RURAL

Abertura do plantio em Restinga Seca

Foi aberto oficialmente o plantio do arroz no Rio Grande do Sul. Organizado pela Federação das Associações de Arrozeiros do Estado (Federarroz), o evento reuniu ontem produtores e autoridades em Restinga Seca. Representando o governo federal, o secretário de Política Agrícola do Ministério da Agricultura, Caio Rocha, afirmou que o executivo está mantendo esforços para que o preço da saca de 50 quilos do arroz permaneça na faixa dos R\$ 40.

Trigo tem queda de 10% na produtividade

Depois de três semanas com chuva em excesso, granizo e geada, a Emater reduziu em 10,27% a estimativa de produtividade do trigo no Estado. A expectativa de rendimento médio de até 2,7 mil quilos por hectare caiu para 2,3 mil quilos no último mês. Entre os principais problemas, o acamamento (a planta é derribada pelo vento e cai sobre o solo, perdendo rendimento) e a destruição total de lavouras nas principais regiões produtoras.

ANEXO 11 – SAFRA DE TRIGO RUIM PRESSIONA O PREÇO DO PÃO. 09/11/2012

20 CAMPO & LAVOURA

ZERO HORA SEXTA-FEIRA, 9 DE NOVEMBRO DE 2012

campo@zerohora.com.br (51) 3218-4709
Editora: Gisele Loeblein – gisele.loeblein@zerohora.com.br

ALTA NO FORNO

Safra de trigo ruim pressiona o preço do pão

Problemas climáticos prejudicaram desempenho da produção e já motivaram reajuste na farinha

CAIO CIGANA

Além de preocupar agricultores, um novo revés nas lavouras do Rio Grande do Sul vai afetar o bolso do consumidor.

Como vendáveis, grânulo e geada diminuíram a produção e afetaram a qualidade do trigo no Estado, problema que se repete nos demais países produtores do Mercosul, o preço da farinha já subiu e o repasse deve chegar em breve a derivados como o pãozinho.

Levantamento divulgado ontem pela Companhia Nacional de Abastecimento (Conab) indica que a safra de trigo no Estado, com a colheita ainda em andamento, deve ser de 2,05 milhões de toneladas, queda de 25% em comparação a 2011 e de 16% ante a estimativa anterior para esta safra (veja abaixo). O presidente do Sindicato da Indústria de Trigo no Estado (Sindtrigo), José Celestino Antoniazzi, estima que até um quarto do produto que restou nas lavouras não tem qualidade suficiente para ser moído.

Outro complicador, acrescenta, são os contratos de exportação de aproximadamente 800 mil toneladas. A safra, diz o dirigente, é buscar um volume maior de trigo importado, também mais caro por problemas semelhantes.

Em novembro, já ocorreu um aumento médio de 8% em todas as farinhas e, para dezembro, estão previstos mais 8%. O cenário é de preocupação em relação a abastecimento e preços.

A apreensão é compartilhada pelo presidente do Sindicato das Indústrias de Panificação e Confeitaria e de Massas Alimentícias e Biscoitos no Estado do Rio Grande do Sul (Sindipan), Arildo Benneh Oliveira, que projeta a continuidade da oferta apertada e preços em alta durante 2013.

— O que se avizinha é sombrio, e estes aumentos terão de ser repassados. Algumas padarias já receberam farinha com esses novos valores — admite Oliveira, sem arriscar qual será o impacto no preço de pães, massas e biscoitos, nem a partir de quando.

Produção no Mercosul deve ser 20% inferior à de 2011

Para o analista de trigo Renan Gomes, da consultoria Safra & Mercado, a situação pode mesmo se agravar a partir de fevereiro do próximo ano. Apesar da quebra na produção e da falta de qualidade, a pressão da oferta agora, no período de safra, ainda consegue evitar uma alta maior no preço do trigo. Como as lavouras do Uruguai e da Argentina enfrentam problemas climáticos semelhantes, a safra 2012 do Mercosul deve ser 20% menor.

Boletim conjuntural da Emater divulgado ontem indica que quase dois terços das lavouras gaúchas já foram colhidas, mas a qualidade tem se mostrado inferior ao aceitável pelos moedores, deixando agricultores preocupados com os compromissos financeiros.

caio.cigana@zerohora.com.br



Na propriedade de Antônio Rizzardi e Rubens Paloschi, em Cruz Alta, plantio de soja já começou

Do campo à cidade

Quando o trigo estava quase pronto para ser colhido, chuva forte e muito frio estragaram algumas lavouras no Rio Grande do Sul.

Nas plantações prejudicadas, o cereal ficou com qualidade ruim para ser aproveitado para fazer farinha, por exemplo.

O problema ocorreu, também, em outros países que vendem o trigo para o Estado.

Do trigo, é feita a maior parte da farinha usada para fazer pão, biscoitos e massas.

O resultado é que o preço do macarrão e das bolachinhas recheadas de que você gosta pode subir junto.



Tempo permite avanço do plantio de soja no RS

Cruz Alta/Correspondente

ROSÂNGELA TATSCH

Novembro começou com sol e calor, para o alívio dos produtores gaúchos, que aproveitaram o tempo seco para acelerar o plantio da soja. Até agora, segundo a Emater, 12% da área prevista para a cultura na safra 2012/2013 já foi plantada.

Em Cruz Alta, os produtores aumentaram as lavouras e estão atentos ao clima. A estimativa é que o grão ocupe 89 mil hectares no município, 2,5 mil hectares a mais do que a safra passada. Até agora, metade da área já foi semeada e estima-se que até o dia 20 o plantio seja concluído na região. Na localidade do Faxinal, os sócios Antônio Rizzardi e Rubens Paloschi deram a largada nesta semana e já semearam 300 hectares dos 1,2 mil hectares que pretendem cultivar.

— Esperamos com esta safra recuperar os prejuízos que tivemos nos últimos três ciclos de soja, trigo e milho — diz Rizzardi.

Apesar de contentes com a tré-gua do tempo que está possibilitando o plantio no período previsto, os produtores já começam a esperar pela formação de nuvens no céu e não param de conferir a previsão do tempo.

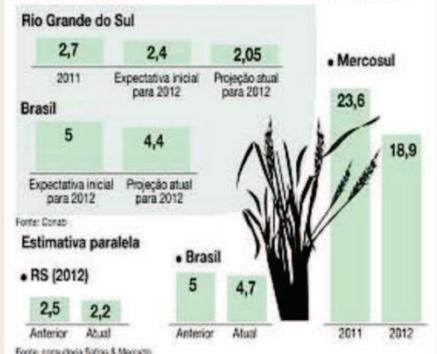
Agora, tem de chover para brotar a plantação. E, além do mais, o milho já está sofrendo com o sol forte e o calor intenso desta semana — finaliza.

Levantamento de intenção de plantio para a safra de verão divulgado ontem pela Companhia Nacional de Abastecimento (Conab) indica que, no Estado, a área de soja deve ficar entre 4,3 milhões de hectares e 4,5 milhões de hectares. Se confirmada a estimativa mais otimista, seria uma expansão de 7% em relação à safra passada. Conforme a Conab, o milho pode ocupar até 1,08 milhão de hectares e o arroz, 1,04 milhão de hectares.

rosangela.tatsch@zerohora.com.br

Produção revista

Tempo fez projeções do trigo (em milhões de toneladas) encolherem:



OLHAR DO CAMPO

Irineu Guarnier Filho irineu.guarnier@canalrural.com.br



Dependência

O trigo lançou as bases da moderna agricultura gaúcha, ainda na década de 1950. Com a cultura, vieram as cooperativas, a mecanização, a utilização intensiva de agroquímicos, o seguro agrícola e a pesquisa de variedades resistentes ao clima do Sul.

Desde então, a triticultura tem reinado, quase solitária, como a principal atividade agrícola do inverno gaúcho. E aí é que está o problema. Em todos esses anos, nenhuma outra cultura

conseguiu se impor como uma alternativa viável ao trigo.

Cevada, canola, aveia, diversas opções têm conquistado grupos de produtores aqui e acolá, em diferentes momentos. Mas a verdade é que a agricultura gaúcha continua extremamente dependente do trigo nos meses frios. O que não é bom para a economia do Estado, porque, apesar de todos os avanços da pesquisa, o cereal ainda é muito sensível à instabilidade climática do inverno meridional.

INFORME RURAL

Setor lácteo entrega proposta a ministros

Uma lista com 96 reivindicações do setor leiteiro foi entregue ontem, durante a Conferência Nacional do Leite, aos ministros da Agricultura, Mendes Ribeiro Filho, e do Desenvolvimento Agrário, Pepe Vargas. As propostas são das mais diversas áreas: questões sanitárias, comerciais, de infraestrutura, incentivo a cursos de treinamento, assistência técnica, pesquisas e facilidade de crédito, além de propostas legislativas e tributárias.

Entre as sugestões, a de retirar das embalagens o aviso de que o leite não deve ser usado para alimentar crianças menores de um ano.